



EURÁSIA EM **FOCO**

EDIÇÃO OUT-DEZ 2025

Imagem da capa: Vista da Medresa Tilla-Kari, Samarcanda, Uzbequistão (n.d).

Fonte: © Daniel Prudek. Disponível em: <https://pt.dreamstime.com/foto-de-stock-royalty-free-vista-do-medressa-de-tilla-kari-registan-samarkand-image40785815>. Acesso em: 01 de fev. de 2026.



Centro de
Investigação em
Rússia, Eurásia e
Espaço Pós-Soviético

UNESP-UNICAMP-PUCSP

ISSN 3085-8925

APOIO



PÓS-GRADUAÇÃO
Relações Internacionais
SAN TIAGO DANTAS

UNESP • UNICAMP • PUC-SP



Centro de
Investigação em
Rússia, Eurásia e
Espaço Pós-Soviético
UNESP-UNICAMP-PUCSP



GEDES

GRUPO DE ESTUDOS DE DEFESA
E SEGURANÇA INTERNACIONAL

ISSN 3085-8925
Volume 1, Número 4



EURÁSIA EM **FOCO**

Publicação Trimestral
Edição Outubro-Dezembro de 2025
São Paulo, 2026

COMISSÃO EDITORIAL

Pérsio Glória de Paula
Getúlio Alves de Almeida Neto
Ana Livia Ayres Cardoso

CONSELHO EDITORIAL

Ana Livia Ayres Cardoso
Ana Livia Esteves
Danielle Makio
Getúlio Alves de Almeida Neto
Guilherme Geremias da Conceição
Jonathan Christian Dias dos Santos
Maria Eduarda Carvalho de Araujo
Matheus Pereira Jorge
Nathana Garcez Portugal
Rodrigo Ianhez
Pérsio Glória de Paula
Tito Lívio Barcellos

CAPA E LAYOUT:

Guilherme Geremias da Conceição
Maria Eduarda Carvalho de Araujo

DIAGRAMAÇÃO:

Guilherme Geremias da Conceição
Jonathan Christian Dias dos Santos

REVISÃO:

Getúlio Alves de Almeida Neto
Maria Eduarda Carvalho de Araujo
Pérsio Glória de Paula

SOBRE O EURÁSIA EM FOCO

O *Eurásia em Foco* é uma publicação trimestral criada pelo Centro de Investigação em Rússia, Eurásia e Espaço Pós-Soviético (CIRE). Como uma plataforma periódica em formato de boletim, seus objetivos incluem fomentar o entendimento multidimensional da Rússia e da Eurásia, oferecer panoramas informativos e breves análises críticas sobre os processos políticos, sociais, culturais e internacionais referentes à região. O *Eurásia em Foco* é um projeto que se orienta para acadêmicos, formuladores de políticas e interessados na dinâmica eurasiática. A iniciativa busca, dessa forma, consolidar-se como referência para discussões que articulem rigor acadêmico, disseminação do conhecimento, incentivo à reflexão e ao debate acerca das complexidades que permeiam o escopo geográfico de estudo e pesquisa do CIRE.

O conteúdo publicado no boletim trimestral *Eurásia em Foco* é de responsabilidade dos autores e não representa necessariamente a visão do Centro de Investigação em Rússia, Eurásia e Espaço Pós-Soviético (CIRE), do Grupo de Estudos de Defesa e Segurança Internacional (GEDES) e de suas instituições associadas.

© 2026. Centro de Investigação em Rússia, Eurásia e Espaço Pós-Soviético (CIRE). Todos os direitos reservados.

CONTATO:

Praça da Sé, Nº 108, 3º Andar
CEP: 01001-900
São Paulo, SP, Brasil
Fone: + 55 (11) 3116-1770
E-mail: cire.ppgstd@gmail.com

REDES SOCIAIS:

Instagram: [@cire_gedes](https://www.instagram.com/cire_gedes)
X: [@cire_gedes](https://twitter.com/cire_gedes)
Site oficial: <https://gedes-unesp.org/cire/>



SUMÁRIO

| | | |
|----------|---|-----------|
| 1 | EDITORIAL | 9 |
| | <i>Pérsio Glória de Paula</i> | |
| 2 | PANORAMA DE NOTÍCIAS | 13 |
| | Ásia Central: o centro do tabuleiro global | 14 |
| | <i>Jonathan Christian Dias dos Santos</i> | |
| | Báltico em tensão: Letônia endurece política contra russos, Estônia amplia ofensiva jurídica e militar e OTAN reforça dissuasão com possível presença permanente do Canadá | 17 |
| | <i>Maria Eduarda Carvalho de Araujo</i> | |
| | Cáucaso em reconfiguração: Azerbaijão flexibiliza trânsito para a Armênia, corrida por caças indianos e paquistaneses redefine equilíbrio militar e novas conexões com o Oriente Médio ganham força | 20 |
| | <i>Guilherme Geremias da Conceição</i> | |
| | Ucrânia em reconfiguração: queda de Yermak, ataques à infraestrutura energética russa e novo pacote de €90 bilhões da União Europeia ampliam tensões do conflito | 24 |
| | <i>Ana Livia Ayres Cardoso</i> | |
| | Rússia amplia projeção estratégica: testes de novos armamentos, deslocamento do míssil Oreshnik para Belarus e aprofundamento da parceria com a Índia apesar da pressão dos EUA | 26 |
| | <i>Getúlio Alves de Almeida Neto</i> | |
| | Eurásia em disputa: entre a competição estratégica e a Geoeconomia | 28 |
| | <i>Pérsio G. de Paula, Maria Eduarda C. de Araujo, Ana Livia A. Cardoso, Getúlio A. de Almeida Neto, Guilherme G. Conceição, Jonathan C. Dias dos Santos</i> | |
| 3 | ANÁLISES ESPECIAIS | 31 |
| | A Comissão Brasileiro-Russa de Alto Nível de Cooperação (CAN) e os eixos prioritários da agenda bilateral | 32 |
| | <i>Pérsio Glória de Paula</i> | |

A iniciativa K-Silk Road: estratégia geoeconômica da Coreia do Sul na Ásia Central para diversificação ao acesso de terras raras **37**

Jonathan Christian Dias dos Santos, Guilherme Geremias da Conceição & Danielle Makio

A resposta russa ao interesse dos EUA na Groenlândia **41**

Getúlio Alves de Almeida Neto

4 **ARTIGOS** **45**

Western degeneration: an analysis of the Russian visual narrative on gender and sexual diversity **46**

Iago Rondelli

SOBRE O CIRE **65**



1 EDITORIAL

Pérsio Glória de Paula

Rio de Janeiro, fevereiro de 2026

A quarta edição do Jornal Eurásia em Foco encerra 2025 com um balanço da consolidação da competição estratégica no espaço pós-soviético como traço duradouro das dinâmicas regionais, com efeitos cumulativos sobre a segurança, a economia, a política e disputas narrativas. Ao longo do ano, intensificaram-se tensões e processos de securitização, ampliaram-se investimentos em capacidades militares e ganharam centralidade as disputas geoeconômicas por recursos, rotas e cadeias produtivas. O trimestre de outubro a dezembro reflete essas tendências e projeta seus desdobramentos para 2026, quando a pressão por reposicionamentos e o uso de instrumentos coercitivos e unilaterais se disseminam em múltiplas regiões do globo.

As notícias comentadas reunidas nesta edição compõem o pano de fundo empírico desse quadro no Espaço Pós-Soviético. Nos Estados bálticos, esse processo combina reforço militar, com incremento de ativos e efetivos estrangeiros, e políticas domésticas de delimitação identitária, cujos efeitos discriminatórios recaem sobre direitos e garantias, em especial no caso de populações russófonas. Na Rússia, mantém-se a centralidade da guerra como organizadora de prioridades, com a modernização de capacidades militares e de dispositivos de dissuasão, enquanto a diversificação de parcerias permanece como eixo de sustentação econômica e diplomática.

Na Ucrânia, além da pressão das demandas do conflito militar, a política doméstica é afetada por disputas de poder e escândalos de corrupção que tensionam a governabilidade e repercutem na coordenação com parceiros. Em Belarus, há um aprofundamento de vínculos político-militares com Moscou e ampliação da alocação de armamentos estratégicos russos.

Na Ásia Central, o vetor dominante assume feição geoeconômica, com diversificação de parcerias e crescente disputa por rotas, infraestrutura e recursos críticos, em especial no campo de minerais estratégicos e cadeias de suprimento. Já o Cáucaso revela uma distensão pragmática entre Armênia e Azerbaijão, associada à abertura de comunicações e agendas de conectividade, ao mesmo tempo em que se adensa uma corrida de modernização militar baseada na diversificação de fornecedores e no maior peso de mediadores e parceiros externos.

As análises de conjuntura desta edição aprofundam dimensões específicas desse mesmo ambiente estratégico. Em *“A Comissão Brasileiro-Russa de Alto Nível*

de Cooperação (CAN) e os eixos prioritários da agenda bilateral”, Pêrsio Glória de Paula reconstrói o percurso institucional da parceria russo-brasileira e examina a VIII Reunião da CAN como sinal de reativação do diálogo de alto nível, com continuidade de agendas setoriais tradicionais e incremento de instrumentos operacionais voltados à viabilização de intercâmbio em cenário de sanções e fricções comerciais.

Em “*A Iniciativa K-Silk Road: estratégia geoeconômica da Coreia do Sul na Ásia Central para diversificação ao acesso de terras raras*”, Jonathan Christian Dias dos Santos, Guilherme Conceição e Danielle Makio inserem a projeção sul-coreana na Ásia Central no debate sobre geoeconomia, destacando o papel de minerais críticos e acordos econômicos como instrumentos de reposicionamento regional e de redução de dependências estratégicas.

Em “*A resposta russa ao interesse dos EUA na Groenlândia*”, Getúlio Alves de Almeida Neto analisa o tema groenlandês no debate político norte-americano e interpreta a resposta moderada de Moscou como cálculo diante de um contexto de imprevisibilidade e erosão de compromissos multilaterais, com implicações diretas para a estabilidade estratégica entre potências no Ártico.

O artigo científico que compõe esta edição amplia o foco para a disputa simbólica, tema que atravessou 2025 com intensidade crescente e tende a ganhar ainda mais peso em 2026. Em “*Western degeneration: an analysis of the Russian visual narrative on gender and sexual diversity*”, Iago Rondelli examina como a RT, canal russo de notícias internacionais, mobiliza narrativas visuais sobre gênero e diversidade sexual para produzir afetos, reforçar identidades coletivas e sustentar alinhamentos políticos, articulando humor e sátira à construção de uma imagem do Ocidente como culturalmente degenerado. O estudo evidencia como a competição contemporânea incorpora repertórios de comunicação digital e enquadramentos morais como parte do arsenal de influência russo.

Com esta edição, construída com o propósito de qualificar o debate sobre o espaço pós-soviético em um momento de crise e mudanças estruturais, concluímos o ciclo analítico dedicado a 2025 no Eurásia em Foco. Convidamos nossos leitores a acompanhar, examinar criticamente e dialogar com os argumentos aqui apresentados, contribuindo para o aprofundamento do debate sobre uma região central para a compreensão das transformações em curso no sistema internacional.

Desejamos uma ótima leitura a todas e todos.

*Atenciosamente,
Comissão Editorial do Boletim Eurásia em Foco,
publicação trimestral do CIRE*



CONHEÇA O EDITOR DESTE NÚMERO

Pêrsio G. de Paula é doutorando em Relações Internacionais pela Universidade Estatal de São Petersburgo (SPbGU). Mestre em Estudos Estratégicos pelo Programa de Pós-graduação em Estudos Estratégicos da Defesa e da Segurança (PPGEST-UFF/2019) e Bacharel em Relações Internacionais pela Universidade Federal Fluminense (UFF/2016).



Рукописи не горят!
Manuscritos não queimam!
(livro "O Mestre e Margarida")

Mikhaíl Bulgákov, escritor russo

2 PANORAMA DE NOTÍCIAS



ÁSIA CENTRAL

ÁSIA CENTRAL: O CENTRO DO TABULEIRO GLOBAL

Jonathan Christian Dias dos Santos

Turquia amplia a sua influência na Ásia Central com a Organização dos Estados Turcos [1]

No dia 7 de outubro de 2025, realizou-se em Qabala, no Azerbaijão, a décima segunda Cúpula da Organização dos Estados Turcos (OTS). O encontro contou com a presença de Kassym-Jomart Tokayev, presidente do Cazaquistão; Shavkat Mirziyoyev, presidente do Uzbequistão; e o Líder Nacional do Povo Turcomeno, Gurbanguly Berdimuhamedov, além, é claro, de Recep Tayyip Erdoğan, presidente da Turquia. O bloco aproveitou a ocasião para saudar o tratado de paz assinado entre Armênia e Azerbaijão, firmado em agosto de 2025 e mediado pelos Estados Unidos.

Entre as principais medidas adotadas pelos Estados-Membros, destacou-se a criação do formato “OTS+”, um quadro flexível voltado à colaboração com parceiros externos em áreas de interesse mútuo. Além disso, foi aprovada a decisão sobre o desenvolvimento e fortalecimento da Organização Internacional da Cultura Turca (TURKSOY), reforçando o papel da cultura como elemento central da integração turca. O Turcomenistão também foi incluído como observador na Academia Turca e na Fundação de Cultura e Patrimônio Turco. A presidência do bloco foi transferida do Quirguistão para o Azerbaijão, e estima-se que a próxima cúpula seja realizada no outono de 2026, na Turquia.

Rio de Janeiro, fevereiro de 2026

Donald Trump busca acesso estratégico a minerais em encontro com líderes da Ásia Central [2]

No dia 6 de novembro de 2025, o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, se reuniu na Casa Branca, em Washington, com Kassym-Jomart Tokayev, presidente do Cazaquistão; Sadyr Japarov, presidente do Quirguistão; Emomali Rahmon, presidente do Tadjiquistão; Serdar Berdimuhamedov, presidente do Turcomenistão; e Shavkat Mirziyoyev, presidente do Uzbequistão, para um encontro no formato C5+1.

O principal tema tratado entre o líder estadunidense e as lideranças centro-asiáticas foi a garantia de acesso de Washington aos minerais críticos

da região, definida pela administração Trump como “prioridade estratégica” nas relações entre os países. Na ocasião, o presidente cazaque afirmou que o encontro marcava o “início de uma nova era de interação entre os Estados Unidos e a Ásia Central”. O Cazaquistão também aderiu aos Acordos de Abraão, que normalizaram relações entre Israel e países de maioria muçulmana. Já o presidente uzbeque chamou Trump de “presidente do mundo”.

O Cazaquistão é o maior produtor e fornecedor de urânio do mundo, enquanto o Uzbequistão também figura entre os cinco maiores produtores e fornecedores. O movimento dos Estados Unidos simboliza uma tentativa de diversificar seus fornecedores de urânio (atualmente 20% da Rússia) e também de buscar alternativas para elementos de terras raras, cuja cadeia hoje é dominada pela China, que, segundo a Agência Internacional de Energia, foi responsável pelo refino de cobalto, grafite e terras raras, respondendo por 90% do crescimento da oferta entre 2020 e 2024.

Rio de Janeiro, fevereiro de 2026

Japão, Cazaquistão, Uzbequistão, Quirguistão, Tadjiquistão e Turcomenistão estreitam relações comerciais e políticas com a primeira Cúpula Japão - Ásia Central [3]

Ao apagar das luzes de 2025, Japão e os países da Ásia Central realizaram em Tóquio, no dia 20 de dezembro, a primeira cúpula entre os países. A primeira-ministra japonesa, Takaichi Sanae, destacou que o encontro é importante, pois os países centro-asiáticos têm crescido rapidamente em termos econômicos e, diante de um cenário geopolítico global cada vez mais complexo, a região se torna um ponto-chave para a integração entre Ásia e Europa e para a cooperação intra-asiática.

Ao fim do encontro, foi adotada a Declaração de Tóquio, que prevê o fortalecimento das relações econômicas entre Japão e os países da Ásia Central, a promoção da colaboração pragmática em setores estratégicos, o fortalecimento das cadeias de suprimento de minerais críticos, a cooperação em inteligência artificial e a promoção da Rota Internacional de Transporte Trans-Cáspio, conectando a Ásia Central à Europa.

O Japão também definiu projetos empresariais totalizando 3 trilhões de ienes, aproximadamente US\$19 bilhões, na Ásia Central ao longo de cinco anos, além da expansão de importações de urânio e da exploração de minerais críticos no Cazaquistão. O próximo encontro será realizado no Cazaquistão, ainda sem data definida.

As notícias relatadas demonstram que a Ásia Central tornou-se, mais uma vez, uma zona de interesse de potências regionais e mundiais, que buscam, de acordo com o cenário geopolítico cada vez mais caótico, garantir acesso a uma região cujos valores geoestratégicos são de vital importância para a manutenção e a existência de redes técnicas de transporte e escoamento de bens, bem como

para o acesso a recursos cuja produção, refino e exportação estão atualmente concentrados geograficamente em países específicos.

Isso é evidente, por exemplo, nas movimentações dos Estados Unidos e do Japão, que visam garantir acesso a terras raras e outros minerais críticos, reduzindo sua dependência da China, que já utilizou tais recursos como arma na guerra comercial contra Washington. A Turquia, por sua vez, através da Organização dos Estados Turcos (OTS), busca ampliar sua influência na região, algo que vem trabalhando desde o final dos anos 1990, aproveitando que tanto a Rússia quanto a China estão ocupadas com outros movimentos geopolíticos de maior prioridade no momento.

Rio de Janeiro, fevereiro de 2026



REPÚBLICAS BÁLTICAS

BÁLTICO EM TENSÃO: LETÔNIA ENDURECE POLÍTICA CONTRA RUSSOS, ESTÔNIA AMPLIA OFENSIVA JURÍDICA E MILITAR E OTAN REFORÇA DISSUAÇÃO COM POSSÍVEL PRESENÇA PERMANENTE DO CANADÁ

Maria Eduarda Carvalho de Araujo

[Letônia endurece política migratória e ordena saída de 841 cidadãos russos \[4\]\[5\]\[6\]](#)

Uma nova política migratória na Letônia estabeleceu que 841 cidadãos russos deixassem o país até 13 de outubro de 2025. Essa medida decorre dos desdobramentos da guerra na Ucrânia, iniciada em 2022. Nesse contexto, a Letônia alterou sua lei de imigração ainda no início do conflito e, desde então, tem tornado as regras mais rígidas para cidadãos russos que têm interesse em permanecer no país. De acordo com a lei e suas emendas, os cidadãos russos devem solicitar o status de residência de longo prazo da União Europeia, além de demonstrar conhecimento de nível A2 em letão e passar por verificação de antecedentes, para permanecerem legalmente no país. Segundo a Politico, cerca de 30 mil cidadãos russos foram afetados pelas novas políticas da Letônia. Nesse processo, aproximadamente 2.600 deixaram o país voluntariamente. O caso da ordem de expulsão de 841 cidadãos russos deve-se ao fato de essas pessoas não terem preenchido os novos requisitos para manter a autorização de residência, ou seja, não solicitaram o status de residente permanente na União Europeia nem conseguiram demonstrar proficiência no idioma letão.

Moscou, fevereiro de 2026

[Estônia intensifica ofensiva jurídica e militar contra a Rússia \[7\]\[8\]](#)

Em novembro de 2025, a Estônia aumentou seu engajamento contra a Rússia ao integrar oficialmente o conselho de administração do Tribunal Especial do Conselho da Europa, destinado a investigar o crime de agressão da Rússia contra a Ucrânia. O anúncio foi feito em 6 de novembro pelo ministro das Relações Exteriores estoniano, Margus Tsahkna, que enfatizou a necessidade de evitar a impunidade por crimes internacionais e defendeu o início imediato das atividades do tribunal. A iniciativa, defendida por Volodymyr Zelenskyy, ganhou

impulso após o acordo formal assinado em Estrasburgo, França, em junho, entre o presidente ucraniano e Alain Berset, secretário-geral do Conselho da Europa. O novo mecanismo busca suprir lacunas do Tribunal Penal Internacional no julgamento do crime de agressão, reforçando a arquitetura jurídica europeia em meio à continuidade da guerra.

Paralelamente, Tallinn intensificou seu apoio militar a Kiev com um pacote de €3 milhões para aquisição e manutenção de sistemas Starlink destinados às Forças Armadas ucranianas, após reunião entre o primeiro-ministro ucraniano, Denys Shmyhal, e o ministro da Defesa da Estônia, Hanno Pevkur. A tecnologia, desenvolvida pela SpaceX, tornou-se relevante para as comunicações militares ucranianas, especialmente nas operações próximas à linha de frente. O apoio estoniano também abrange cooperação em defesa aérea, produção de drones, criação de empreendimentos conjuntos e treinamento de soldados.

Moscou, fevereiro de 2026

[Canadá avalia bases permanentes na Letônia em meio ao reforço da dissuasão da OTAN no Báltico \[9\]\[10\]\[11\]\[12\]](#)

Em dezembro de 2025, o comando das operações militares do Canadá iniciou um estudo para avaliar a viabilidade de estabelecer bases permanentes na Letônia como parte de seu compromisso com a OTAN. Atualmente, o país mantém cerca de 2.000 militares em regime rotativo, naquela que já é sua maior missão no exterior, estendida até 2029 pelo primeiro-ministro Mark Carney. Segundo o tenente-general Steve Boivin, a revisão busca garantir a sustentabilidade da operação diante da escassez de tropas e das dificuldades logísticas de mobilização rápida em caso de crise. A discussão ocorre em um contexto de crescente preocupação com a segurança dos Bálticos, diante de alertas de que a Rússia poderia reforçar sua presença militar na região nos próximos anos.

A possibilidade de uma base permanente representaria uma mudança relevante na postura da OTAN, que desde o fim da Guerra Fria prioriza destacamentos rotativos em vez de instalações fixas no Leste Europeu. Especialistas argumentam que uma presença mais estável poderia fortalecer a dissuasão e reduzir custos operacionais de longo prazo, embora envolva decisões políticas e jurídicas complexas, tanto em Ottawa quanto em Riga. O debate também reflete desafios à identidade defensiva da Aliança para a retomada da dissuasão da Era da Guerra Fria, baseada na defesa e no preparo para um enfrentamento visto como cada vez mais próximo.

As notícias para as Repúblicas Bálticas neste boletim compõem um mesmo mosaico: a consolidação de um cinturão político-militar em resposta prolongada à invasão russa da Ucrânia. Cada caso opera em um nível distinto, desde o doméstico até o jurídico-internacional e militar. Apesar desta amplitude, todos convergem para um mesmo eixo: preocupação com uma maior escalada na guerra, busca de meios para a contenção da Rússia e redefinição das fronteiras de pertencimento

e segurança na Europa. Dessa forma, no cenário doméstico, a Letônia vem pressionando sua política migratória como um instrumento de segurança nacional, podendo ser observado como uma reconfiguração do espaço doméstico como extensão da guerra ao sul do continente. Já a Estônia vem buscando meios de atuação e de colaboração no plano jurídico e militar, combinando apoio ao Tribunal Especial do Conselho da Europa com assistência militar à Ucrânia. Por fim, o debate canadense sobre bases permanentes na Letônia insere a OTAN em um movimento de dissuasão estrutural de longo prazo, indicando que a presença aliada nos Bálticos tende a deixar de ser rotativa para assumir contornos mais duradouros diante do aprofundamento das tensões com a Rússia .

Moscou, fevereiro de 2026



CÁUCASO

CÁUCASO EM RECONFIGURAÇÃO: AZERBAIJÃO FLEXIBILIZA TRÂNSITO PARA A ARMÊNIA, CORRIDA POR CAÇAS INDIANOS E PAQUISTANESES REDEFINE EQUILÍBRIO MILITAR E NOVAS CONEXÕES COM O ORIENTE MÉDIO GANHAM FORÇA

Guilherme Geremias da Conceição

[Azerbaijão suspende restrições de trânsito para a Armênia em decisão inédita \[13\]](#)

Em outubro de 2025, o Azerbaijão suspendeu todas as restrições ao trânsito de mercadorias com destino à Armênia que estavam em vigor desde o final da década de 1980, quando se iniciou o conflito entre os dois países. O anúncio foi feito pelo presidente azerbaijano, Ilham Aliyev, durante uma declaração conjunta à imprensa ao lado do presidente do Cazaquistão, Kassym-Jomart Tokayev, em Astana.

Para Aliyev, o gesto simboliza avanços concretos no processo de reconciliação, um sinal de distensão nas relações bilaterais após quase quatro décadas de confronto, marcado principalmente pela disputa em torno de Nagorno-Karabakh. Já do lado armênio, uma porta-voz do primeiro-ministro Nikol Pashinyan classificou a iniciativa como “um passo de grande importância para a abertura das comunicações regionais, o fortalecimento da confiança mútua e a institucionalização da paz”. Caso plenamente implementado, o acordo tem potencial para redefinir a dinâmica geopolítica e econômica do Cáucaso, região estratégica por suas reservas energéticas e por sua posição como corredor logístico entre a Ásia e a Europa.

São Paulo, novembro de 2025.

[Armênia e Azerbaijão negociam compra de caças indianos e paquistaneses, intensificando a correlação de forças regional \[14\]\[15\]](#)

A Armênia está na fase final de negociações com a Índia para a aquisição de caças multifunção Su-30MKI, produzidos pela Hindustan Aeronautics Limited (HAL). De acordo com o portal Indian Defence News, o acordo de novembro, estimado entre US\$ 2,5 e US\$ 3 bilhões, aguarda apenas as últimas aprovações formais. A primeira etapa do documento prevê a entrega de 8 a 12 aeronaves,

além de treinamento de pilotos e equipes técnicas, suporte em solo e integração de armamentos. As entregas ainda estão previstas para o final de 2027, com conclusão em 2029, após a HAL cumprir compromissos prioritários com a Força Aérea Indiana.

Segundo informações preliminares, os caças destinados à Armênia contarão com importantes atualizações, incluindo o radar AESA Uttam, os mísseis ar-ar Astra Mk1 e Mk2 e um avançado software de guerra eletrônica da DRDO. A negociação dá continuidade à crescente aproximação militar entre Yerevan e Nova Délhi, evidenciada por aquisições anteriores, como os sistemas de lançamento múltiplo de foguetes Pinaka e os obuses ATAGS de 155 mm.

Além disso, a possível compra dos Su-30MKI é interpretada como uma resposta à recente modernização da força aérea azerbaijana, que incorporou oficialmente o caça JF-17 Thunder, desenvolvido em parceria com o Paquistão. Em fevereiro de 2024, Baku assinou um contrato inicial de US\$ 1,6 bilhão para a aquisição de 16 aeronaves JF-17 Block III, posteriormente ampliado para um total potencial de 40 unidades. Classificado como um caça de geração 4,5, o JF-17 é equipado com radar AESA e capaz de empregar uma ampla variedade de armamentos modernos, incluindo mísseis ar-ar de fabricação turca. Tal incorporação ainda posiciona o Azerbaijão como a quarta nação a operar esse modelo e marca um salto qualitativo em relação à sua antiga dependência de aeronaves herdadas da era soviética. Ao mesmo tempo, fortalece significativamente os laços militares e estratégicos entre Baku e Islamabad.

São Paulo, dezembro de 2025

[Conexões entre o Cáucaso e o Oriente Médio e os novos caminhos para cooperação \[16\]\[17\]\[18\]](#)

A intensificação da diplomacia econômica do Egito com os países do Cáucaso ocorre em um momento de grandes transformações geopolíticas. Em dezembro de 2025, no Cairo, a ministra do Planejamento, Desenvolvimento Econômico e Cooperação Internacional, Rania Al-Mashat, reuniu-se com o ministro do Desenvolvimento Digital e Transportes do Azerbaijão, Rashad Nabiyeu, durante a abertura da sexta sessão do Comitê Conjunto Egípcio-Azerbaijano para Cooperação Econômica, Científica e Técnica.

Segundo Al-Mashat, o Egito busca expandir a cooperação em setores estratégicos como energia, comércio, transformação digital, transportes, educação e cultura, apoiando-se em uma trajetória de laços crescentes desde o estabelecimento das relações diplomáticas entre os dois países, em 1992. Esse processo ganhou impulso com a visita do presidente Ilham Aliyev, ao Egito, em junho de 2024, quando foram assinados sete acordos cobrindo áreas que vão da cooperação econômica e digital à eletricidade, fontes de energia e promoção de investimentos.

Em paralelo, o Cairo também aprofundou sua aproximação com a Armênia. Ao final da sexta sessão do Comitê Conjunto Egípcio-Armênio para Cooperação

Econômica, Científica e Técnica, realizada em dezembro na Nova Capital Administrativa (NAC) do Egito. Al-Mashat e o ministro da Economia armênio, Gevorg Papoyan, assinaram um protocolo de cooperação voltado à expansão do comércio bilateral, ao estímulo aos investimentos e à criação de alianças no setor privado. O acordo prevê ainda, entre outros pontos, o incentivo à participação armênia na Zona Econômica do Canal de Suez, com foco em logística e manufatura.

Importa esclarecer, no entanto, que esse movimento simultâneo ocorre enquanto reflexo da reconciliação política entre Armênia e Azerbaijão, em agosto de 2025. Desde então, avanços graduais vêm sendo registrados, tanto no campo diplomático quanto no econômico. Como visto, Baku iniciou a exportação ferroviária de combustíveis para a Armênia, atravessando o território da Geórgia, marcando a primeira operação desse tipo em décadas. Outro eixo estratégico é o projeto de conexão ferroviária entre as regiões ocidentais do Azerbaijão e a República Autônoma de Nakhchivan, cuja implementação foi interrompida pela Segunda Guerra de Karabakh, em 2020. Atualmente, o governo azerbaijano avança na construção da infraestrutura necessária, enquanto Yerevan negocia com os EUA os marcos legais, regulatórios e institucionais para viabilizar sua parte do projeto.

Avanços concretos para o processo regional de paz? É preciso interpretar as movimentações envolvendo a região caucásica durante a segunda metade de 2025 como respostas a eventos específicos. O primeiro remonta ao acordo transfronteiriço de 2024 entre Baku e Yerevan, que avança de forma gradual, com cerca de 12 quilômetros já oficialmente demarcados. O plano prevê ainda uma delimitação em etapas, de norte a sul, desde o ponto de fronteira trilateral entre Azerbaijão, Armênia e Geórgia até a divisa com o Irã. Aliás, aqui conseguimos entender a atuação do Egito como parceiro externo estratégico, reforçando a interconexão entre o Oriente Médio e o espaço pós-soviético e ampliando os horizontes da cooperação Sul-Sul.

O segundo grande “divisor de águas” ocorreu ainda em agosto de 2025, com o acordo de paz mediado pelos EUA, sob a liderança do presidente Donald Trump. Obviamente, nesse contexto, também está em discussão o desenvolvimento de um corredor de trânsito estratégico, com apoio de Washington, voltado à ampliação das exportações energéticas e ao fortalecimento dos laços econômicos entre Baku e Yerevan. No entanto, sua formalização enfrenta entraves significativos, entre eles a exigência azerbaijana de que o governo armênio promova alterações constitucionais consideradas necessárias para compatibilizar o acordo com seu ordenamento jurídico.

Logo, não deveria causar surpresa o movimento em direção à modernização das forças aéreas de ambos os países, associado à redefinição de suas parcerias estratégicas no setor de defesa. A aproximação da Armênia com a tecnologia militar indiana, por exemplo, expressa uma reorientação de sua política de aquisições, voltada à redução da histórica dependência de fornecedores russos e à diversificação de alianças. O resultado, porém, pode se traduzir em intensificação da militarização competitiva no Cáucaso, em meio ao ainda frágil processo de estabilização política com o Azerbaijão, e a transposição da rivalidade indo-

paquistanesa (assim como a israelense-turca) para outros contextos regionais.

Porto Alegre, janeiro de 2026



REPÚBLICAS OCIDENTAIS

UCRÂNIA EM RECONFIGURAÇÃO: QUEDA DE YERMAK, ATAQUES À INFRAESTRUTURA ENERGÉTICA RUSSA E NOVO PACOTE DE €90 BILHÕES DA UNIÃO EUROPEIA AMPLIAM TENSÕES DO CONFLITO

Ana Livia Ayres Cardoso

[Queda de Yermak, chefe do gabinete de Zelensky, desencadeia reconfiguração política na Ucrânia \[19\]](#)

Em novembro de 2025, a NABU (Agência Nacional Anticorrupção da Ucrânia) conduziu uma investigação anticorrupção no apartamento de Andriy Yermak, assessor e conselheiro presidencial da Ucrânia, confiscando notebooks e telefones celulares para análise. Yermak, que ocupava uma posição de grande poder no governo, renunciou ao cargo em seguida. Acredita-se que, devido ao relacionamento pessoal entre Yermak e Zelensky, a decisão tenha sido voluntária, pois sua permanência poderia comprometer a estabilidade da presidência.

Yermak chefiava a delegação ucraniana nas negociações de paz com os Estados Unidos, de modo que sua saída poderia afetar a posição do país nas tratativas para o fim da guerra com a Rússia. Também conduzia temas sensíveis da política externa, mantinha diálogo com assessores de segurança nacional de países aliados e coordenava a equipe responsável pelas negociações de paz. Era visto como o principal articulador político de Zelensky e como uma extensão de sua autoridade, representando-o em encontros internacionais. Sua saída provocou uma reorganização das elites políticas e uma disputa por acesso direto ao presidente. Houve um avanço das investigações da NABU e um aumento do descontentamento público com a corrupção. Com isso, Zelensky nomeou, em 2 de janeiro de 2026, Kyrylo Budanov, então líder da inteligência do exército, para o cargo de chefe do gabinete presidencial.

São Paulo, fevereiro de 2026

[Ucrânia ataca infraestrutura energética russa com apoio dos EUA \[20\]](#)

Com apoio regular dos Estados Unidos, a Ucrânia tem conduzido ataques de longo alcance contra instalações energéticas russas com o objetivo de enfraquecer a economia do país e pressionar o governo de Vladimir Putin a negociar. Esse

apoio ocorre por meio do fornecimento de inteligência a Kiev, especialmente no planejamento de rotas, altitude e execução das missões, permitindo contornar as defesas aéreas russas e atingir ativos estratégicos, como refinarias de petróleo. Segundo Volodymyr Zelensky, os ataques russos ao sistema energético ucraniano foram discutidos com o presidente norte-americano Donald Trump, a partir do que estariam sendo consideradas medidas para reforçar a defesa aérea da Ucrânia

São Paulo, fevereiro de 2026

União Europeia aprova empréstimo de €90 bilhões para a Ucrânia [21]

Após não obter consenso para utilizar €210 bilhões em ativos russos congelados, a União Europeia aprovou um empréstimo de €90 bilhões para a Ucrânia pelos próximos dois anos. O financiamento tem como objetivo principal sustentar tanto o esforço militar quanto os serviços públicos ucranianos devido ao risco que o país corre de falta de recursos já em 2026. O valor será obtido por meio da emissão de dívida nos mercados financeiros internacionais e garantido pelo orçamento da UE, devendo ser pago apenas quando a Rússia arcar com reparações de guerra. Embora os juros dos ativos russos congelados já estejam sendo destinados à Ucrânia, países como a Bélgica temem retaliações e bloquearam o uso direto desses fundos.

O acordo foi considerado uma vitória para a estabilidade europeia, apesar da oposição de Hungria e Eslováquia e da recusa da República Tcheca em garantir o empréstimo. As discussões referentes ao empréstimo ocorrem paralelamente a negociações de paz envolvendo EUA, Rússia e Ucrânia, enquanto líderes europeus defendem garantias de segurança robustas para Kiev.

As notícias evidenciam a estreita relação entre a instabilidade doméstica ucraniana e o apoio externo ocidental em contexto de guerra. Investigações de corrupção e disputas internas fragilizam o governo e alimentam o crescente descontentamento popular, reduzindo a capacidade do Estado de conduzir o conflito e de preservar a estabilidade política interna. Paralelamente, os elevados custos militares e econômicos tornam a Ucrânia estruturalmente dependente de assistência externa.

Nesse cenário, Estados Unidos e União Europeia atuam sustentando o Estado ucraniano: Washington fornece inteligência estratégica que amplia significativamente a capacidade de ataque contra a Rússia, enquanto a UE garante recursos financeiros essenciais para o funcionamento do Estado. Esse cenário evidencia a dependência da Ucrânia de apoio externo para manter sua segurança e sua estabilidade política. Assim, o conflito deixa de ser estritamente bilateral e passa a refletir uma dinâmica mais ampla de confronto entre a Rússia e o bloco ocidental, na qual a sobrevivência e a estabilidade da Ucrânia se mostram profundamente condicionadas ao apoio externo.

São Paulo, fevereiro de 2026

FEDERAÇÃO RUSSA

RÚSSIA AMPLIA PROJEÇÃO ESTRATÉGICA: TESTES DE NOVOS ARMAMENTOS, DESLOCAMENTO DO MÍSSIL ORESHNIK PARA BELARUS E APROFUNDAMENTO DA PARCERIA COM A ÍNDIA APESAR DA PRESSÃO DOS EUA

Getúlio Alves de Almeida Neto

Rússia testa com sucesso novos armamentos estratégicos [22][23][24]

No fim de outubro de 2025, Putin anunciou que a Rússia havia concluído, com sucesso, os testes com dois novos armamentos, de um total de seis que haviam sido anunciados em desenvolvimento pelo governo russo em 2018 e caracterizados como "invencíveis". Trata-se do novo míssil de cruzeiro intercontinental de propulsão nuclear e com capacidade de transportar ogivas nucleares, batizado de Burevestnik, e do drone submarino autônomo de propulsão nuclear, Poseidon, que também possui capacidade de carregar ogivas nucleares. Segundo Valery Gerasimov, Chefe do Estado-Maior da Rússia, o Burevestnik voou por cerca de 14 mil km ao longo de 15 horas e teria capacidade de atingir qualquer alvo com precisão independente do sistema de defesa. Já o Poseidon teria capacidade de percorrer até 1.000 km em uma velocidade de 185 km/h/. Em 2019, uma explosão no Ártico russo causou a morte de cinco cientistas durante o teste de uma das novas armas que, segundo indícios, tratava-se do míssil Burevestnik.

Os dois armamentos fazem parte do processo contínuo de modernização das forças estratégicas russas, tendo como principal objetivo permitir escapar de sistemas antimísseis e garantir a efetividade da dissuasão estratégica de Moscou. Como indicativo do papel central dessas novas armas, os pesquisadores e projetistas destes armamentos foram condecorados com prêmios estatais.

São Paulo, fevereiro de 2026

Rússia e Índia continuam parceria mesmo com pressão de Trump [25][26][27][28]

Em outubro, Donald Trump anunciou sanções contra as duas principais empresas petrolíferas russas, Rosneft e Lukoil, pressionando China e Índia a diminuir a importação de petróleo russo, em uma tentativa de forçar Putin a negociar a paz com a Ucrânia. Uma série de refinarias indianas cessaram a importação, causando

uma forte queda nos valores do petróleo tipo Ural exportado pela Rússia. No entanto, a relação estratégica entre Rússia e Índia não parece ter sido impactada. Putin e Modi se reuniram no início de dezembro, em uma visita de dois dias do presidente russo a Nova Déli, a primeira desde o início da guerra com a Ucrânia. Os dois líderes anunciaram o desejo de aumentar o volume de comércio entre os dois países ao longo da década, com Putin salientando o desejo russo de importar mais produtos indianos e continuar a fornecer petróleo à Índia de forma ininterrupta. Na esteira do encontro, as refinarias indianas voltaram a comprar a commodity russa a partir de janeiro, formalizando contratos com outras empresas que não a Rosneft e a Lukoil para fornecimento até março.

São Paulo, fevereiro de 2026

Rússia desloca míssil Oreshnik para Belarus [29]

No fim de dezembro, a Rússia implantou seu sistema de mísseis hipersônicos de alcance intermediário, o Oreshnik, no território de Belarus. A informação foi divulgada através de imagens e confirmada pelo embaixador russo no país, Boris Gryzlov. Ao alocar o novo sistema em Belarus, a Rússia aumenta o raio de alcance do míssil na Europa, em meio a tensão crescente entre Moscou e Kiev, após um suposto ataque de drones ucranianos à residência de Putin em Novgorod, no noroeste russo. O Oreshnik é uma das mais novas armas russas, capaz de viajar a uma velocidade de até 12.300 km/h e de transportar ogivas nucleares. O armamento foi utilizado pela primeira vez em 21 de novembro de 2024 contra território ucraniano, na cidade de Dnipro, ainda que não estivesse carregado de explosivos na ocasião.

O último trimestre de 2025 consolidou os desenvolvimentos das relações russas com o mundo desde o início da guerra com a Ucrânia, em fevereiro de 2022. Nesse sentido, observa-se a ênfase no desenvolvimento de novas armas estratégicas, anunciadas em 2018, resultando na maior capacidade russa na dissuasão estratégica com os Estados Unidos.

Além disso, fica claro a maior integração entre Rússia e Belarus em suas políticas de defesa em um momento de contínua tensão entre Moscou e os países europeus e da impossibilidade, a curto prazo, de uma resolução diplomática para o conflito com Kiev. Ainda, a visita de Putin à Índia, dois países fundadores dos BRICS+, demonstrou como, apesar da tentativa estadunidense de pressionar Moscou e Nova Déli, ambos os países priorizam suas relações estratégicas e seus interesses nacionais complementares, sobretudo no que tange ao comércio de petróleo, e enorme capacidade de resiliência em não se submeter às pressões de Washington.

São Paulo, fevereiro de 2026

SÍNTESE DO TRIMESTRE

EURÁSIA EM DISPUTA: ENTRE A COMPETIÇÃO ESTRATÉGICA E A GEOECONOMIA

*Pérsio Glória de Paula
Maria Eduarda Carvalho de Araujo
Ana Livia Ayres Cardoso
Getúlio Alves de Almeida Neto
Guilherme Geremias da Conceição
Jonathan Christian Dias dos Santos*

No conjunto de notícias deste trimestre, a Eurásia aparece como um sistema regional atravessado por duas dinâmicas que se reforçam mutuamente. De um lado, a guerra russo-ucraniana continua a impactar o ambiente de segurança regional, irradiando efeitos para além das partes envolvidas diretamente, afetando não só a atuação internacional russa ou a estabilidade política ucraniana, mas também políticas domésticas nas margens orientais da OTAN. De outro, a disputa por rotas logísticas, insumos estratégicos e acesso a infraestruturas desloca parte da competição entre grandes potências para a Ásia Central, onde elementos como a conectividade e recursos passam a operar como instrumentos com implicações geopolíticas diretas.

Nas Repúblicas Ocidentais, a compilação de eventos evidencia a consolidação de tendências que apontam para uma estrutura de tensão de longo prazo. A Ucrânia permanece dependente de apoio externo para sustentar simultaneamente a capacidade militar e a continuidade funcional do Estado, enquanto a política doméstica segue tensionada por disputas internas e por escândalos de corrupção, que repercutem na condução da guerra e na coordenação com aliados.

Nos Bálticos, a securitização se traduz tanto em iniciativas jurídico-institucionais e em apoio militar-tecnológico a Kiev quanto no aprofundamento de discursos extremistas e políticas domésticas discriminatórias voltadas contra minorias e populações russófonas.

Do lado russo, há um tendência de adaptação estratégica marcada por três movimentos complementares: a modernização da dissuasão por meio do desenvolvimento de sistemas estratégicos avançados; o reforço da integração defensiva com Belarus; e a resiliência econômico-diplomática, apoiada em parcerias extraocidentais, com destaque para a continuidade do vínculo energético com a Índia, apesar das pressões e sanções. Conjuntamente, esses elementos sugerem a aposta de Moscou em reduzir vulnerabilidades, aumentar a capacidade

de sustentar os esforços de guerra e a margem de manobra em um conflito que não oferece sinais consistentes de resolução no curto prazo.

Na Ásia central, a centralidade recai sobre a conversão da cooperação econômica em influência política. A ampliação da atuação turca por meio de mecanismos multilaterais, os esforços estadunidenses para garantir acesso a minerais críticos, e a entrada japonesa com investimentos e ênfase em cadeias de suprimentos e corredores como o trans-cáspio, apontam para um adensamento da competição entre grandes potências na região e pela ampliação da busca por autonomia dos atores regionais.

No Cáucaso, a agenda de estabilização entre Armênia e Azerbaijão avança por medidas de abertura de trânsito e projetos de conectividade, enquanto Armênia e Azerbaijão diversificam fornecedores de defesa, com compras associadas à Índia e ao Paquistão, o que insere a região em mais um contexto de rivalidade geopolítica, e ampliam frentes de diplomacia econômica com parceiros externos como o Egito.

Nessa conjuntura, a tendência regional que se consolida é a institucionalização da competição estratégica em registros distintos, mais diretamente militar e político-jurídico no oeste e predominantemente geoeconômico no centro, com zonas de interseção no Cáucaso. Estados locais buscam ampliar autonomia relativa pela diversificação de vínculos e pela instrumentalização de ativos estratégicos e econômicos, em um ambiente marcado por instabilidade persistente e pelo acirramento gradual das tensões.

FONTES

- [1] ORGANIZATION OF TURKIC STATES. The 12th Summit of the Organization of Turkic States convened in Gabala, Azerbaijan. 7 out. 2025. Disponível em: <https://www.turkicstates.org/en/news/the-12th-summit-of-the-organization-of-turkic-states-convened-in-gabala-azerbaijan>. Acesso em: 16 mar. 2026.
- [2] REUTERS. Trump to meet Central Asian presidents as U.S. seeks to counter China, Russia influence. 6 nov. 2025. Disponível em: <https://www.reuters.com/world/china/trump-meet-central-asian-presidents-us-seeks-counter-china-russia-influence-2025-11-06/>. Acesso em: 16 mar. 2026.
- [3] NHK WORLD-JAPAN. News. 20 dez. 2025. Disponível em: https://www3.nhk.or.jp/nhkworld/en/news/20251220_10/. Acesso em: 16 mar. 2026.
- [4] OFICIĀLAIS IZDEVĒJS "LATVIJAS VĒSTNESIS" [EDITORIA OFICIAL "LATVIJAS VĒSTNESIS"] (Letônia). Grozījumi Imigrācijas likumā [Alterações à Lei de Imigração]. 2022. Disponível em: <https://likumi.lv/ta/id/335817>. Acesso em: 16 fev. 2026.
- [5] PESECKYTĀ, GiedrĀ. Latvia orders more than 800 Russian citizens to leave by mid-October. 2025. Politico. Disponível em: <https://www.politico.eu/article/latvia-orders-800-russian-citizens-out-mid-october/>. Acesso em: 16 fev. 2026.
- [6] BEGUNKOV, Vladimir. Латвия обязала 841 гражданина России покинуть страну [A Letônia ordenou que 841 cidadãos russos deixem o país]. 2025. Deutsche Welle. Disponível em: <https://www.dw.com/ru/latvia-obazala-841-rossianina-pokinut-stranu-izza-neznania-la>. Acesso em: 16 fev. 2026.
- [7] PETRIV, Liubava. Estonia Joins Special Tribunal on Russian Aggression Against Ukraine. 2025. UNITED24 Media. Disponível em: <https://united24media.com/latest-news/estonia-joins-special-tribunal-on-russian-aggression-against-ukraine-13191>. Acesso em: 16 fev. 2026.
- [8] NEWS.AZ (Azerbaijão). Estonia to invest millions in Starlink systems for Ukraine's military. 2025. Disponível em: <https://news.az/news/estonia-to-invest-millions-in-starlink-systems-for-ukraines->

military. Acesso em: 16 fev. 2026.

[9] OTAN. Strengthening NATO's eastern flank. 2023. Disponível em: <https://www.nato.int/en/what-we-do/deterrence-and-defence/strengthening-natos-eastern-flank>. Acesso em: 17 fev. 2026.

[10] GOVERNO DO CANADÁ. Canada strengthens ties with Latvia and renews key NATO mission. Ottawa: Prime Minister of Canada, 26 Aug. 2025. Disponível em: <https://www.pm.gc.ca/en/news/news-releases/2025/08/26/canada-strengthens-ties-latvia-and-renews-key-nato>. Acesso em: 16 fev. 2026.

[11] AP NEWS. Armenia, Azerbaijan leaders meet in Abu Dhabi as peace prospects grow. 2025. Disponível em: <https://apnews.com/article/armenia-azerbaijan-aliyev-pashinyan-abu-dhabi-72cf31b11dd3dfe2e47fafce6f325251>. Acesso em: 18 nov. 2025.

[12] ARMENIA PUBLIC RADIO. Rubinyan reaffirms Armenia's commitment to opening the border and establishing diplomatic relations with Turkey. 2025. Disponível em: <https://en.armradio.am/2025/09/08/rubinyan-reaffirms-armenias-commitment-to-opening-the-border-and-establishing-diplomatic-relations-with-turkey>. Acesso em: 18 nov. 2025.

[13] AL JAZEERA. Opposition leader Nika Gvaramia jailed in Georgia amid deepening crackdown. 2025. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/news/2025/7/1/opposition-leader-nika-gvaramia-jailed-in-georgia-amid-deepening-crackdown>. Acesso em: 18 nov. 2025.

[14] JAM NEWS. Georgia's anti-American turn towards Moscow, Tehran and Beijing - US Helsinki Commission hearing. 2025. Disponível em: <https://jam-news.net/georgias-anti-american-turn-towards-moscow-tehran-and-beijing-us-helsinki-commission-hearing>. Acesso em: 18 nov. 2025.



3 ANÁLISES ESPECIAIS



GROELÂNDIA E A
RESPOSTA RUSSA

COOPERAÇÃO RÚSSIA-BRASIL

K-SILK ROAD NA ÁSIA CENTRAL

A COMISSÃO BRASILEIRO-RUSSA DE ALTO NÍVEL DE COOPERAÇÃO (CAN) E OS EIXOS PRIORITÁRIOS DA AGENDA BILATERAL

Pérsio Glória de Paula

Introdução

Em 5 de fevereiro de 2026, o Presidente de Governo da Federação da Rússia, Mikhail V. Mishustin, visitou Brasília e reuniu-se com o Vice-Presidente brasileiro Geraldo Alckmin, ocasião em que se realizou a VIII Reunião da Comissão Brasileiro-Russa de Alto Nível de Cooperação (CAN). Para além do amplo escopo temático discutido, a reunião sinalizou também o reengajamento no plano político-estratégico entre os escalões máximos dos governos e a reativação do principal mecanismo bilateral de coordenação, após mais de uma década desde a VII reunião, realizada ainda sob o governo de Dilma Rousseff em 2015. Nesse sentido, a presente análise almeja delinear, de forma sintética, os eixos temáticos anteriores e atuais da Parceria Estratégica Russo-Brasileira por meio da declaração conjunta da VIII Reunião da Comissão Brasileiro-Russa de Alto Nível de Cooperação (Brasil, 2026), de documentos oficiais correlatos e de literatura relevante.

O contexto histórico da Parceria Estratégica Russo-Brasileira

Nos anos 1990, as relações bilaterais avançaram tanto por interesses mútuos na cooperação comercial e técnico-científica, quanto pelas insatisfações em relação às assimetrias de poder e estruturas desiguais do ordenamento mundial erigido no pós-Guerra Fria. É nesse contexto que, em 1997, foi estabelecida a Comissão Brasileiro-Russa de Alto Nível de Cooperação (CAN), com a atribuição de definir estratégias e diretrizes para o desenvolvimento das relações bilaterais em áreas políticas, econômicas, científicas e tecnológicas (Brasil, 2015). Como desdobramento desse diálogo, em 1999, ocorreu a primeira reunião da Comissão Intergovernamental Brasil-Rússia de Cooperação Econômica, Comercial, Científica e Tecnológica (CIC), que se consolidou como braço operacional encarregado de conduzir discussões técnicas e a execução prática por meio de subcomissões temáticas.

Essas dinâmicas se aprofundaram nos anos 2000, com a promulgação do Tratado sobre as Relações de Parceria, assinado em 2000 e a elevação das relações ao patamar de parceria estratégica em 2002 (Brasil, 2002). Esse movimento foi posteriormente adensado pelo Plano de Ação da Parceria Estratégica, firmado em 2010 durante a visita do presidente Luís Inácio Lula da Silva à Rússia, reforçando a articulação entre diretrizes políticas e os projetos setoriais. O plano de ação também gerou um enquadramento político mais ambicioso à estrutura já existente, na qual a CAN e a CIC passaram a funcionar como plataformas de coordenação e

execução de agendas bilaterais.

Nesse período, as pautas da CAN e da CIC abordaram tópicos recorrentes de cooperação econômica, comercial, aduaneira, educacional, cultural, científica e até militar. Ademais, com a formação dos BRICS e do Novo Banco de Desenvolvimento, os países também intensificaram o diálogo para a concatenação de posicionamentos e iniciativas políticas e econômicas no plano internacional e em fóruns multilaterais. Para fins analíticos, reordena-se o conjunto de iniciativas bilaterais em três eixos estruturantes: a coordenação político-internacional, as relações econômico-comerciais e a cooperação técnico-científica.

O eixo político-internacional é marcado pela articulação de posicionamentos em fóruns multilaterais, como o G20, e pela convergência com o pleito por reformas em instituições da governança global, como a ONU e o FMI. Um elemento expressivo desse eixo é o entendimento mútuo sobre a agenda de reforma do Conselho de Segurança, fator que interessa diretamente ao Brasil. A Rússia, que é membro permanente do órgão, tem apoiado de forma recorrente o pleito brasileiro por um assento permanente. Apesar disso, a literatura aponta que o diálogo político de alto nível perdeu impulso após 2015, com impacto mais visível na dimensão político-diplomática durante os governos Temer e Bolsonaro, sem que isso significasse interrupção completa de agendas técnicas e setoriais (Jeifets & Jubran, 2020).

No eixo econômico-comercial, a cooperação bilateral foi marcada tanto pelo crescimento das trocas quanto pela concentração da pauta em setores tradicionais dos dois países, o que conferiu previsibilidade ao relacionamento, mas também expôs limites estruturais à diversificação. A questão comercial e o desenvolvimento econômico detêm papéis de centralidade no histórico recente das relações e a própria trajetória da comissão de alto nível e de seus mecanismos executivos foi, em grande medida, orientada a lidar com fricções concretas do comércio, como barreiras alfandegárias, litígios e a busca por condições de facilitação. O ciclo de valorização das commodities nos anos 2000 favoreceu a expansão do intercâmbio comercial, mas também ajudou a consolidar um padrão no qual o Brasil exporta majoritariamente produtos do agronegócio e importar insumos produtivos e derivados energéticos, com destaque para as importações de fertilizantes.

No eixo técnico-científico, a referência à cooperação tecnológica é uma pauta recorrente das reuniões, sobretudo em temas espaciais e de inovação, com iniciativas que incluíram entendimentos sobre modernização de veículos lançadores, produção e uso de satélites, navegação por satélite e possibilidades associadas ao Centro de Lançamento de Alcântara. Ainda assim, apesar da convergência de interesses e do repertório já acumulado, o conjunto de projetos implementados permaneceu aquém do potencial indicado pela agenda, com execução irregular e baixa transformação de propostas em programas continuados de longo prazo.

A VIII Reunião da CAN: Retomada e atualização da agenda bilateral

A oitava reunião da comissão de alto nível, ocorrida em fevereiro de 2026, foi um marco de restabelecimento do diálogo institucional e indica uma certa continuidade dos eixos da parceria estratégica. A declaração conjunta vincula de modo explícito a nova reunião à visita do presidente brasileiro à Rússia por ocasião das celebrações de 9 de maio (Dia da Vitória), em 2025, conferindo ao encontro presidencial a função de símbolo político do novo ciclo. O documento também estabelece uma sequência de medidas orientadas à continuidade das relações e do contato presidencial e ministerial, ao recomendar a realização de nova reunião da CIC em 2026, ao prever uma reunião da Comissão para Assuntos Políticos e ao registrar o Plano de Consultas Políticas Bilaterais 2026–2029 (Brasil, 2026).

A declaração conjunta da oitava reunião da CAN retoma pontos que sustentaram a relação nas últimas duas décadas, agrega novos elementos e delinea a diversificação do intercâmbio comercial como meta, em tentativa de superar as limitações estruturais que preservaram o predomínio das commodities nas trocas. Além disso, a agenda também inclui o desenvolvimento de sistemas autóctones de pagamento e a coordenação financeira no âmbito dos BRICS. Igualmente, é reforçada a necessidade de cooperação fiscal, aduaneira e de transformação digital em âmbito bilateral para o aprofundamento das relações econômicas e comerciais. No plano industrial e de cooperação tecnológica, há ênfase na questão dos fertilizantes e da indústria química, mas também são mencionados projetos da indústria farmacêutica e médico-hospitalar, tecnologias industriais digitais, cooperação nuclear em projetos civis e a segurança cibernética, com referências a investimentos e à formação de centros tecnológicos e capacidades produtivas no Brasil (Brasil, 2026).

No âmbito de coordenação multilateral, há uma consonância da declaração com a agenda de governança global tratada no BRICS e no G20 que também realça a reativação do eixo político-internacional da parceria russo-brasileira. Além disso, há a significativa presença de pautas relacionadas ao clima e meio ambiente, com referências a uma transição justa, COP30, financiamento e iniciativas como o Tropical Forest Forever Facility (TFFF), temas que também assumiram proeminência na agenda da política externa brasileira recente (Lima, 2023). Ademais, os temas de segurança e regimes internacionais também são mencionados, assim como há referências sobre a defesa do multilateralismo e da Carta da ONU e de tópicos específicos, como a prevenção de corrida armamentista no espaço e o fortalecimento do regime de armas biológicas (Brasil, 2026).

Considerações finais

A VIII Reunião da CAN pode ser entendida como um gesto de reconexão política no escalão decisório dos dois países, com potencial para recuperar a coordenação político-internacional que perdeu tração após 2015. Esse movimento não parte do zero e se apoia na continuidade de vínculos setoriais que permaneceram operando durante o hiato do diálogo entre as cúpulas decisórias, sobretudo no plano econômico-comercial e em agendas técnicas específicas.

Assim, a declaração conjunta sugere continuidade de agendas consolidadas, como comércio, agricultura, energia, ciência e tecnologia, mas introduz uma ênfase mais operacional em instrumentos que viabilizam o intercâmbio no atual cenário de sanções e rupturas comerciais, com destaque para mecanismos de pagamento, coordenação financeira no BRICS, cooperação fiscal-aduaneira e transformação digital. No plano externo, a ênfase em BRICS, G20, clima e COP30 sugere um esforço de reposicionar a parceria em agendas multilaterais contemporâneas, sem eliminar o desafio recorrente de converter entendimentos em projetos sustentados, especialmente na dimensão técnico-científica..

REFERÊNCIAS

- BRASIL. (2002). Decreto nº 4.379, de 17 de setembro de 2002. Promulga o Tratado sobre as Relações de Parceria entre a República Federativa do Brasil e a Federação da Rússia, celebrado em Moscou, em 22 de junho de 2000. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 18 set. 2002. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2002/D4379.htm. Acesso em: 24 fev. 2026.
- BRASIL. (2015). Ministério das Relações Exteriores. Federação da Rússia. Brasília: Ministério das Relações Exteriores, 1 jan. 2015. Atualizado em 16 jan. 2025. Disponível em: <https://www.gov.br/mre/pt-br/assuntos/relacoes-bilaterais/todos-os-paises/federacao-da-russia>. Acesso em: 23 fev. 2026.
- BRASIL (2026). Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços. Declaração Conjunta da VIII Reunião da Comissão Brasileiro-Russa de Alto Nível de Cooperação (CAN). Brasília, 5 fev. 2026. Disponível em: <https://www.gov.br/mdic/pt-br/assuntos/noticias/2026/fevereiro/declaracao-conjunta-da-viii-reuniao-da-comissao-brasileiro-russa-de-alto-nivel-de-cooperacao>. Acesso em: 19 fev. 2026.
- JEIFETS V. & JUBRAN B. M. (2020). The rise and fall of a strategic partnership: Brazilian-Russian relations within the BRICS framework. *Vestnik of Saint Petersburg University. International Relations*, 2020, vol. 13, issue 3, pp. 310–325. <https://doi.org/10.21638/spbu06.2020.302>.
- LIMA, Maria Regina Soares de. (2023). “A dialética da política externa de Lula 3.0”. *CEBRI Revista*, Ano 2, Número 5 (Jan-Mar): 79-95. Teerã, 18 jan. 2025. Disponível em: <https://www.tasnimnews.com/en/news/2025/01/18/3239891/contents-of-iran-russia-strategic-deal-made-public>. Acesso em: 3 nov. 2025.
- TEHRAN TIMES. Iran and Russia sign strategic cooperation treaty. Teerã, 17 jan. 2025. Disponível em: <https://www.tehrantimes.com/news/508758/Iran-and-Russia-sign-strategic-cooperation-treaty>. Acesso em: 3 nov. 2025.
- THE MOSCOW TIMES. Iran and Russia sign \$25B deal to build four nuclear plants. Moscou, 26 set. 2025. Disponível em: <https://www.themoscowtimes.com/2025/09/26/iran-and-russia-sign-25b-deal-to-build-4-nuclear-plants-a90640>. Acesso em: 3 nov. 2025.
- TIMES OF ISRAEL. Russia launches Iranian communications satellite into orbit. 25 jul. 2025. Disponível em: <https://www.timesofisrael.com/russia-launches->

Como citar:

GLÓRIA DE PAULA, PÉRSIO. A Comissão Brasileiro-Russa de Alto Nível de Cooperação (CAN) e os eixos prioritários da agenda bilateral. *Eurásia em Foco*, São Paulo, v. 1, n. 4, p. 31-35, Out./Dez. 2025. Centro de Investigação em Rússia, Eurásia e Espaço Pós-Soviético (CIRE).



A INICIATIVA K-SILK ROAD: ESTRATÉGIA GEOECONÔMICA DA COREIA DO SUL NA ÁSIA CENTRAL PARA DIVERSIFICAÇÃO AO ACESSO DE TERRAS RARAS

Jonathan Christian Dias dos Santos

Guilherme Geremias da Conceição

Danielle Makio

Introdução

Em junho de 2024, Yoon Suk-yeol, ex-presidente da Coreia do Sul, realizou uma série de visitas oficiais por três dos cinco países da Ásia Central: Turcomenistão, Cazaquistão e Uzbequistão. O objetivo da viagem era firmar uma série de acordos bilaterais, em múltiplas áreas, com as lideranças desses Estados. Em Astana, por exemplo, Yoon e Kassym-Jomart Tokayev, presidente cazaque, manifestaram a intenção de expandir a presença de empresas sul-coreanas, como a Samsung, no país. Já outros compromissos foram firmados em Ashgabat e Tashkent.

No entanto, importa dizer que, para além das demonstrações diplomáticas de costume, a visita oficial de Yoon às estepes centro-asiáticas também implicou transformações profundas, uma mudança de tática na política externa sul-coreana. Isso porque tal movimento acabou por romper com os princípios adotados por Moon Jae-in (antecessor de Yoon), marcados pela busca de um equilíbrio entre as relações de Seul com Washington e Pequim.

A reorientação da política externa sul-coreana

A primeira grande alteração desse posicionamento foi o anúncio, ainda em maio de 2022, da chamada “Indo-Pacific Strategy”. Ora, se anteriormente Moon dispensava a utilização do termo “Indo-Pacífico” em sua estratégia para o sul do continente (New Southern Policy – NSP), evitando rotas de coalizão direta contra a China, Yoon, sem a cautela anterior, já sinalizava um alinhamento com as potências atlanticistas (BALLBACH, 2023). No mesmo contexto, o governo coreano também anunciou duas ambiciosas arquiteturas geopolíticas: uma voltada para os países da Associação de Nações do Sudeste Asiático (ASEAN), chamada Korea-ASEAN Solidarity Initiative (KASI), e outra, mais recente, destinada à Ásia Central, denominada K-Silk Road.

Eis que, principalmente, por intermédio da segunda iniciativa, a Coreia do Sul busca expandir sua parceria econômica, cultural e política com as ex-repúblicas soviéticas. Apenas a título de ilustração, em 2024, os sul-coreanos já figuravam entre os cinco maiores exportadores do Uzbequistão (UZSTAT, 2025); algo que se repetiu entre janeiro e abril de 2025 com o vizinho cazaque (QAZSTAT, 2025).

A dimensão geoeconômica da K-Silk Road, recursos estratégicos e a disputa pelas terras raras

Em outras palavras, podemos considerar que a K-Silk Road nada mais representa do que uma estratégia geoeconômica para alcançar ganhos regionais. E aqui, adotamos a concepção de geoeconomia de Blackwill e Harris (2016), que a definem como o uso de instrumentos econômicos para promover e defender interesses nacionais, com o objetivo de gerar resultados geopolíticos favoráveis, em oposição à ideia do uso do poder geopolítico ou militar para fins econômicos. Ainda segundo os autores, a geoeconomia é o meio para alcançar objetivos geopolíticos, intermediados pelo comércio, investimento direto externo (IDE) e outros instrumentos não coercitivos.

Logo, a iniciativa se configura como um projeto geoeconômico no qual Seul tem recorrido a parcerias e acordos bilaterais em diversas áreas. Um dos principais alvos são os chamados recursos estratégicos, como as terras raras, insumos fundamentais para economias baseadas em tecnologia de ponta e alto valor agregado. Aliás, convém esclarecer que tais terras raras constituem um conjunto de elementos químicos utilizados na fabricação de produtos, como baterias de carros elétricos, lâmpadas LED, monitores, ligas metálicas, câmeras, equipamentos de raio X e semicondutores (Bernardes, 2021). De acordo com o Serviço Geológico dos EUA, os cinco países com as maiores reservas desses elementos são: China (44 milhões de toneladas), Vietnã (22 milhões), Brasil (21 milhões), Rússia (10 milhões) e Índia (6,9 milhões) (USGS, 2025).

A China, que em 2024 exportou US\$466 milhões do insumo (Statista, 2025), mantém o monopólio do fornecimento global, o que gera dependência de diversos países, empresas e cadeias produtivas em relação a Pequim. A Coreia do Sul, por sua vez, é conhecida por ter impulsionado multinacionais relevantes na virada do milênio, como Hyundai (automóveis e maquinário pesado), LG (eletrônicos), Samsung (eletrônicos e tecnologia) e POSCO (metalurgia). Porém, apesar da indústria altamente avançada, Seul carece de recursos minerais, até mesmo para atender à própria demanda. Dessa forma, sabendo da vulnerabilidade, o país objetiva diversificar parceiros e evitar possíveis retaliações em momentos de tensão política, como ocorreu na crise com Pequim em 2017. Mas e a Ásia Central?

Bom, a região centro-asiática é uma das que mais concentram as reservas de terras raras no continente. Segundo o Serviço Geológico dos EUA, há 384 campos mapeados no local: Cazaquistão com 160, Uzbequistão com 87, Quirguistão com 75, e Tadjiquistão e Turcomenistão com, respectivamente, 60 e 2. O Estado cazaque, em especial, pode figurar entre os líderes globais, com a descoberta inédita de um depósito natural contendo cério, lantânio, neodímio e ítrio, estimados em 20 milhões de toneladas. Ademais, Cazaquistão e Uzbequistão, também passaram a defender a exploração desses recursos como estratégias de desenvolvimento nacional. Recentemente o presidente Tokayev chegou a chamar tais minérios de “novo petróleo”, o que demonstra como Astana vem utilizando do insumo para atrair investimentos, principalmente da Europa.

Considerações finais

No caso da Coreia do Sul, cujas reservas minerais praticamente inexistem, o K-Silk Road parece a alternativa perfeita para acessar às jazidas centro-asiáticas, reduzindo a dependência da China e ampliando a inserção sul-coreana na economia regional. Não por acaso, durante a visita de Yoon, foi assinado com os cazaques um acordo sobre o “desenvolvimento do setor de energia, cooperação em minerais e metais críticos”. Também não surpreende o fato de que, com o Quirguistão, um memorando foi celebrado para que o Instituto Coreano de Geociências e Recursos Minerais (KIGMR) mapeasse e desenvolvesse os depósitos de terras raras do país, algo que já ocorre com o Uzbequistão, onde o Instituto Nacional Coreano de Metais Raros (KORAM) tem colaborado nos processos e métodos de extração desses recursos.

Fica evidente, portanto, a intenção por trás da K-Silk Road em utilizar instrumentos econômicos para alcançar ganhos geopolíticos e proteger os interesses estratégicos da Coreia. Tais interesses concentrados na obtenção de matérias-primas indispensáveis à indústria de inovação, construída no país a partir do final do século XX. Por outro lado, as repúblicas centro-asiáticas utilizam da posição privilegiada no “ranking global energético” para reduzir a dependência estrutural sino-russa e expandir seu poder de barganha internacional. No entanto, o grande desafio recai sobre equilibrar os limites dessa convergência. Até quando Seul continuará logrando conquistas num campo, tradicionalmente, vinculado às insígnias de Pequim e Moscou?

REFERÊNCIAS

BALLBACH, Eric J. South Korea’s Evolving Indo-Pacific Strategy: Opportunities and challenges for cooperation with the EU. SWP Research Paper 2023/RP 02, 17 mar. 2023. 32 p. DOI: 10.18449/2023RP02.

BERNARDE, Júlio. Valiosas e versáteis: pesquisas com terras raras mostram caminho para criar cadeia produtiva no Brasil. *Jornal da USP*, 2021. Disponível em: <https://jornal.usp.br/ciencias/valiosas-e-versateis-pesquisas-com-terras-raras-mostram-caminho-para-criar-cadeia-produtiva-no-brasil/>. Acesso em: 1 jul. 2025.

BLACKWILL, Robert D.; HARRIS, Jennifer M. *War by Other Means: Geoeconomics and Statecraft*. Cambridge: The Belknap Press of Harvard University Press, 2016.

QAZSTAT. Foreign trade turnover of the Republic of Kazakhstan (January-April 2025), 2025. Disponível em: <https://stat.gov.kz/en/industries/economy/foreign-market/publications/402100/>. Acesso em: 1 jul. 2025.

STATISTA. Annual export value of rare earths in China from 2017 to 2024, 2025. Disponível em: <https://www.statista.com/statistics/1230682/china-export-value-of-rare-earths/>. Acesso em: 1 jul. 2025.

USGS. Mineral Commodity Summaries 2025. 2025. Disponível em: <https://www.usgs.gov/centers/national-minerals-information-center/rare-earths-statistics-and-information>. Acesso em: 1 jul. 2025.

UZSTAT. Foreign trade indicators of the Republic of Uzbekistan for the fourth quarter of 2024, 2025. Disponível em: <https://stat.uz/en/2020-11-09-06-11-08/infographics/398-infographics/53365-2023-infographics-3>. Acesso em: 1 jul. 2025.

Como citar:

SANTOS, Jonathan Christian Dias dos; CONCEIÇÃO, Guilherme Geremias da; MAKIO, Danielle. A iniciativa K-Silk Road: estratégia geoeconômica da Coreia do Sul na Ásia Central para diversificação ao acesso de terras raras. *Eurásia em Foco*, São Paulo, v. 1, n. 4, p. 37-40, Out./Dez. 2025. Centro de Investigação em Rússia, Eurásia e Espaço Pós-Soviético (CIRE).



A RESPOSTA RUSSA AO INTERESSE DOS EUA NA GROENLÂNDIA

Getúlio Alves de Almeida Neto

Introdução

Ao longo do mês de janeiro, um dos temas de maior destaque no noticiário político internacional foi a retomada da verbalização pelo presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, do interesse estadunidense em adquirir a Groenlândia, alegando a necessidade dos Estados Unidos se protegerem contra ameaças russas e chinesas na região. A novidade, no entanto, não reside no interesse em si de Washington pela ilha no Ártico – interesse esse que remonta a outras tentativas no século XX e já fora trazido novamente à tona por Trump durante seu primeiro mandato (2017-2021), e no primeiro ano após sua reeleição não consecutiva, 2025.

O impacto gerado desta vez deu-se pela retórica agressiva do presidente estadunidense, marcada pela possibilidade aventada por ele de anexação da Groenlândia através da força, e à ameaça feita aos aliados europeus de imposição de tarifas em caso de resistência contra os objetivos de Washington. A agressividade na postura de Trump causou ainda mais desconforto e apreensão em razão do contexto geral de seu segundo mandato e pelo fato de o tema ser reativado na esteira das operações realizadas na Venezuela que capturaram Nicolás Maduro.

Nesse sentido, a moderada resposta russa a essa nova tentativa de aquisição da Groenlândia por Washington também causou certa estranheza entre aqueles que imaginavam uma escalada das tensões entre Washington e Moscou em razão de disputas no Ártico e as acusações estadunidenses.

Assim, a presente análise tem por objetivo levantar hipóteses sobre as razões que explicam o posicionamento mais distanciado russo nessa questão à luz dos interesses de Estados Unidos e Rússia no Ártico e explorar o seguinte argumento: para Moscou, muito mais importante do que uma eventual transferência de domínio político sobre a Groenlândia, é o significado de possíveis impactos nas relações entre as potências – seja no Ártico ou em outro espaço geopolítico – baseadas na imprevisibilidade e falta de compromissos com acordos estabelecidos.

Os EUA e a Groenlândia

Como afirmado na introdução, Trump não foi o primeiro presidente dos Estados Unidos a buscar a incorporação da Groenlândia sob domínio político de Washington. Já em 1946, o então presidente Henry Truman tentou adquirir a ilha

no Ártico, mas sua proposta de comprar a ilha foi rejeitada pela Dinamarca. Em outras duas ocasiões antes disso, já havia se aventado a hipótese no Congresso estadunidense de incorporação da Groenlândia em duas ocasiões: em 1867, após a compra do Alasca junto à Rússia, e novamente em 1910. Em nenhuma das ocasiões, no entanto, a ideia avançou e, em 1916, Washington reconheceu formalmente a soberania dinamarquesa sobre o território no Ártico em troca da compra das Ilhas Virgens, até então sob domínio de Copenhague.

Durante a Segunda Guerra Mundial e principalmente ao longo da Guerra Fria, os Estados Unidos passaram a ter ainda mais motivos para considerar a Groenlândia como necessária para sua segurança nacional, ocupando a ilha entre 1941 e 1945 após a ocupação da Dinamarca pela Alemanha Nazista e, em seguida, como base estratégica de forças estadunidenses na base aérea de Thule – atualmente base espacial de Pituffik – conforme o acordo entre os dois países em 1951. A base estadunidense na ilha é responsável, principalmente, pelo sistema de alerta rápido contra possíveis mísseis balísticos lançados pela União Soviética na Guerra Fria, e agora pela Rússia, através do Polo Norte. Nesse sentido, fica clara a importância estratégica da Groenlândia para Washington.

No entanto, enquanto parte do Reino da Dinamarca, a Groenlândia está sob o guarda-chuva da OTAN e as possibilidades de cooperação em defesa entre as partes já eram uma realidade desde os acordos nos anos 1950. Por essa lógica, a retomada do interesse explícito do governo Trump parece ter em suas bases os interesses em uma possível exploração futura dos recursos minerais encontrados em solo groenlandês e com o interesse pessoal do presidente estadunidense em se estabelecer como um político que continuou a expandir o território dos EUA em pleno século XXI. Para isso, alegam a iminência de uma ameaça russa e chinesa no Ártico e interesses destes países na Groenlândia como pretexto para necessidade de avanço sobre a ilha, o que não se mostrou comprovado por mecanismos de inteligência ocidentais.

O posicionamento russo

A Rússia é um dos oito países que compõem o conceito geopolítico de Ártico, possuindo a maior costa para o Oceano Ártico (cerca de 53% do litoral), maior população (cerca de 2,5 milhões de habitantes), maior infraestrutura urbanística, econômica e militar, considerando a região, portanto, como parte essencial de sua estratégia de defesa nacional. Contudo, contrariando expectativas baseadas nas próprias alegações da Administração Trump, em um primeiro momento o governo russo não demonstrou um posicionamento alarmista em relação aos objetivos de Washington. Na realidade, Putin se pronunciou como indiferente à pretensão de Trump e, em linhas gerais, Moscou tem mantido uma postura de pouco confronto, ainda que reitere estar atento ao tema e aos desenvolvimentos.

A aparentemente resignação de Moscou em sua resposta às pretensões e alegações de Washington pode ser explicada por algumas hipóteses. Em primeiro lugar, o atual processo de restabelecimento do diálogo entre os dois governos desde que Trump reassumiu o posto, marcado principalmente pelo encontro dos

dois presidentes em agosto de 2025, no Alasca, poderia indicar uma estratégia de Moscou de não afrontar diretamente Washington em um tema que, a princípio, não corresponde à sua esfera de influência imediata. O cálculo do Kremlin, portanto, seria de fazer poucas críticas à Casa Branca, esperando em troca um posicionamento cada vez menos assertivo de Washington em relação à Ucrânia. Em segundo lugar, a crise gerada entre Washington e líderes europeus teria impacto na própria existência e coordenação da OTAN, enfraquecendo a aliança militar ocidental, considerada pela Rússia como a principal ameaça à sua segurança nacional.

No entanto, uma análise mais profunda da situação sugere que o posicionamento russo é baseado na cautela de cálculos políticos, mas que esconde a verdadeira preocupação de Moscou em relação à postura agressiva de Washington. Ainda que, de fato, o Kremlin não possua nenhum interesse específico na Groenlândia e que, em termos securitários, seja indiferente a quem pertença o território no Ártico, uma vez que o arcabouço da OTAN já se traduz em uma possível ameaça à Rússia, a tática da imprevisibilidade característica do atual mandato de Donald Trump e de que ações unilaterais baseadas apenas no princípio da força e da contínua queda nos mecanismos multilaterais de cooperação se traduzem, estas sim, em um motivo de preocupação para o governo de Putin. Como consequência dessa postura, o projeto de construção do “Domo de Ouro” na Groenlândia, em conjunto com a não renovação do tratado New Start, poderia desestabilizar as relações estratégicas entre os dois países e tornaria o Ártico em uma região de ainda maior potencial para a tensão nuclear.

Considerações finais

Esta breve análise teve como objetivo levantar hipóteses que poderiam explicar o posicionamento brando do governo russo em relação à tentativa de Washington de anexar a Groenlândia e propor uma análise do que este movimento no Ártico poderia significar, em maior escala, para a percepção de Moscou sobre as possíveis ameaças na região. Assim, destacou-se que os interesses de Washington em relação à Groenlândia não configuram um ineditismo do governo Trump. O que se observou, ao longo do mês de janeiro, foi o tom mais agressivo do presidente estadunidense, chegando a colocar em risco a estabilidade – e até existência – da OTAN. Além de as alegações de presença russa e chinesa na região se mostrarem infundadas, a coordenação através da aliança militar ocidental torna, ao mesmo tempo, desnecessária a incorporação do território do Ártico ao domínio político dos EUA em termos de segurança para Washington, bem como pouco se traduziria em uma alteração significativa dos interesses russos e ameaças percebidas por Moscou na região. Com isso, sugere-se que o que realmente é visto por Moscou como potencial desestabilizador da segurança internacional é a imprevisibilidade do governo Trump, a contínua desidratação dos organismos de diálogo multilaterais e do direito internacional, a lógica de que o poder legítima a ação, e dos objetivos dos EUA de construir o sistema de defesa antimísseis na ilha. Assim, as repercussões deste movimento têm mais a ver com a estabilidade estratégica entre potências e o futuro de suas relações do que com qualquer

interesse russo na Groenlândia.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA NETO, Getúlio. Trump ambiciona a Groenlândia para fazer frente à presença russa e chinesa na região. *The Conversation*. 2026. Disponível em: <https://theconversation.com/trump-ambiciona-a-groenlandia-para-fazer-frente-a-presenca-russa-e-chinesa-na-regiao-248315>. Acesso em: 9 fev. 2026.

ARCTIC COUNCIL. Russian Federation. Tromsø: Arctic Council, s.d. Disponível em: <https://arctic-council.org/about/states/russian-federation/>. Acesso em: 9 fev. 2026.

MESSMER, Marion. US intentions towards Greenland threaten NATO's future – European countries are not helpless. Chatham House. London, jan. 2026. Disponível em: <https://www.chathamhouse.org/2026/01/us-intentions-towards-greenland-threaten-natos-future-european-countries-are-not- helpless>. Acesso em: 9 fev. 2026.

OSBORN, Andrew. Putin says who owns Greenland is no concern of Russia, says it might be worth watching. *Reuters*. London, 22 jan. 2026. Disponível em: <https://www.reuters.com/world/europe/putin-says-who-owns-greenland-is-no-concern-russia-says-it-might-be-worth-1-2026-01-22/>. Acesso em: 9 fev. 2026.

RUSSIA READY TO RESPOND to any US weapons deployment in Greenland, Ryabkov says. *Al-Jazeera*. Doha, 3 fev. 2026. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/news/2026/2/3/russia-ready-to-respond-to-any-us-weapons-deployment-in-greenland-ryabkov>. Acesso em: 9 fev. 2026.

SIDDIQUI, Ramen. Why Russia is cheering – and fearing – Trump's Greenland gambit. *Modern Diplomacy* 19 jan. 2026. Disponível em: <https://moderndiplomacy.eu/2026/01/19/why-russia-is-cheering-and-fearing-trumps-greenland-gambit/>. Acesso em: 9 fev. 2026.

Como citar:

ALMEIDA NETO, Getúlio Alves de. A resposta russa ao interesse dos EUA na Groenlândia. *Eurásia em Foco*, São Paulo, v. 1, n. 4, p. 41-44, Out./Dez. 2025. Centro de Investigação em Rússia, Eurásia e Espaço Pós-Soviético (CIRE).

4 ARTIGOS



NARRATIVAS SOBRE GÊNERO E
DIVERSIDADE SEXUAL NA RÚSSIA

WESTERN DEGENERATION: AN ANALYSIS OF THE RUSSIAN VISUAL NARRATIVE ON GENDER AND SEXUAL DIVERSITY

Iago Rondelli¹

Abstract: This article analyzes the Russian narrative disseminated on social media regarding gender and sexual diversity. Drawing on the concept of visual narrative, which integrates both textual and visual dimensions of the message, we explore how Russian sources disseminate a narrative that seeks to mobilize specific affective dispositions among their audiences, such as fear, contempt, and joy. By analyzing Instagram posts from RT (formerly Russia Today), we demonstrate how visual and textual elements combine to create a strategically humorous and satirical message, invoking feelings of pleasure through mockery, and thereby fostering a sense of identity and political alignment with Russia's positions on the topic. We argue that the Russian visual narrative, while drawing on traditional themes of conservative discourse such as that of the child in danger, also presents important peculiarities, such as the strategic use of humor and the association of gender and sexual diversity with Western culture. Thus, Russia projects on social media a strategic narrative that positions itself as a moral alternative to a West portrayed as culturally degenerate.

Keywords: Visual narrative; Gender and sexual diversity; RT; Affective mobilization; Strategic humor.

Introduction

In an address to the Russian Federal Assembly in February 2023, three days before the first anniversary of the invasion of Ukraine, President Vladimir Putin devoted part of his speech to the topic of gender and sexuality in the “West”:

Look what they [the Western elite] are doing to their own people. It is all about the destruction of the family, of cultural and national identity, perversion and abuse of children, including pedophilia, all of which are declared normal in their life. They are forcing the priests to bless same-sex marriages. [...] Reportedly, the Anglican Church is planning, just planning, to explore the idea of a gender-neutral god. [...] But like I said, these are their problems, while we must protect our children, which we will do. We will protect our children from degradation and degeneration (Putin, 2023).

In a speech largely centered on the war with Ukraine, Putin situates issues of culture and sexuality within the broader logic of the economic and military

¹ PhD candidate in International Relations (University of São Paulo). M.A. in Political Sciences and B.A. in International Relations (University of São Paulo). Research assistant in the School of International Relations of the Getúlio Vargas Foundation (FGV-SP), from 2019 to 2020. Research focuses on far-right narratives on digital social media, with an emphasis on visual narratives.

confrontation between Russia and the “West”. The president’s speech appears to assert a contrast between opposing standards of morality and defense of traditional family values, describing a scenario where Western culture is undergoing a process of degeneration.

In this article, we analyze how this narrative on gender and sexual diversity in the “West” has, in recent years, been formulated and conveyed by Russian sources whose reach exceeds that of more formal speeches, such as Putin’s. In particular, we focus on the narrative that Russia has been promoting on social media platforms like Instagram, exploring how the country has adapted its soft power strategy to better suit the demands of new media environments. We aim to show how Russian-backed news sources like RT (formerly Russia Today) seek to mobilize certain affective dispositions in their audiences through the dissemination of a highly visual and humorous narrative on gender and sexuality issues in Western countries. By doing so, we argue that Russia can effectively engage a potentially global public with its own positions on the topic, while simultaneously strengthening this audience’s identification with Russia as an alternative to the “West” – not only militarily and economically, but also culturally.

Affective mobilization, visual narratives, and collective identities

In studying the Russian narrative on gender and sexuality, our aim is to understand how it seeks to affectively mobilize its audiences on social media – that is, how it attempts to promote and circulate certain affects and emotions.² Over the past decades, a growing body of scholarship in International Relations (IR) has focused on the study of emotions as a crucial force shaping political processes (Crawford, 2000; Ahmed, 2014; Ross, 2013; Clément; Sangar, 2018). Going beyond rationalist assumptions that long dominated the discipline, these works have emphasized the role of affect and emotions in constructing and consolidating collective identities, thus influencing political positions and behaviors of diverse actors. In other words, political processes and events are not only shaped by how actors rationally think about them, but also by how they are felt.

The affective mobilization of publics, and the consequent consolidation of identities and political consent, is the result of successful narratives – stories that are told about the world and that resonate in different audiences. Narratives are structured in plotlines that seek to give meaning to (political) reality, establishing links of causation between different phenomena and shaping public understanding of (and feeling about) them (Chernobrov, 2022). Importantly, narratives work through characterization, attaching specific roles to different actors (such as that of the victim, the villain, or the hero) and thus consolidating certain affective and emotional dispositions towards them (Freistein; Gadinger, 2020). The narrative process of characterizing a threat – such as that of LGBTQ+ people and those who support them – is an action of “othering”: “The narrative invites the reader to adopt

² There is a contemporary debate on the distinction between affects and emotions, in which the former refer to more bodily and pre-cognitive reactions, while the latter are understood as the result of more conscious judgments about the world. Here, we treat the two terms as interchangeable, understanding both affects and emotions as a productive combination of bodily and cognitive apprehensions of external reality.

the ‘you’ through working on emotions: becoming this ‘you’ would mean developing a certain rage against these illegitimate others” (Ahmed, 2014, p.1).

Through the reiteration of this process, narratives make affects and emotions “stick” on certain bodies and identities (Ahmed, 2014), consolidating a strategic characterization of them. Important political actors, such as states, produce and convey narratives that are strategic to their interests, aiming to generate political consent and support through the affective appeal they create in their audiences. This is how the figure of the Muslim, for example, comes to be associated with that of the terrorist, which evokes fear and, in doing so, facilitates political support for certain security policies. In this sense, we employ here the concept of “strategic narratives” – as instrumental framings of reality disseminated by actors (Chernobrov, 2022) – to make sense of the stories told by Russia about LGBTQ+ people and “the West”.

In their opposition to the advance of gender and sexual diversity policies, conservative actors in various countries have been mobilizing certain affective dispositions towards what they conceive as a multifaceted threat to societies. In the words of Judith Butler (2024), “gender ideology” has been discursively constructed as a “phantasm” that instills fear – for the children, for the family, and for the traditional ways society is (and, according to these actors, must be) organized. This moral panic created around issues of gender and sexual diversity is developed through repetition, that is, through the reiteration of associations between these issues, on one side, and feelings of contempt, anger, and fear, on the other.

However, narratives go beyond the textual elements of the story being told: they also explore other dimensions of human perception, such as visibility. In recent decades, a growing number of scholars in International Relations have been emphasizing the importance of aesthetics as a locus of politics (Bleiker, 2001; 2009; Callahan, 2020; Schlag, 2018). Cognition about the world is not only achieved through the interpretation of meanings verbally conveyed, but also through other human faculties. In other words, we apprehend the (political) reality using the entirety of our sensibilities (Bleiker, 2009). In this article, we follow this recent scholarship to expand the analysis of strategic narratives from the verbal to the visual, conceptualizing the narrative on gender and sexual diversity promoted by Russia as a visual narrative.

The importance of understanding narratives as more than texts becomes clearer when we take into account the increasing relevance of social media in political communication. In environments such as Twitter and Instagram, the visual aspect of the message has taken center stage, as pictures, videos, GIFs, memes, etc., become almost immediately accessible to vast audiences, shaping their views of distant realities (Crilley et al, 2020; Parry, 2023). Images can be considered “shortcuts” through which narrators avoid the complexities and nuances of the realities they seek to represent (Freistein; Gadinger, 2020, p.224). As such, the visual dimension of narratives, when compared to their textual elements, is especially suited for social media environments, having a greater potential of conveying meaning and generating strategic affective responses.

The issue of how to analytically approach visual narratives is a challenge facing scholars in the social sciences in general, and in IR in particular. As configurational devices aimed at making sense of the world, narratives are not objective. Their affective appeal does not stem from an equivalence to an external reality, and “proving them wrong” in relation to objective facts does little to explain their political power (Freistein; Gadinger, 2020). This is why visual narratives can be better analyzed through an interpretive framework, which takes into account their inherent subjective nature to reveal the underlying affects and emotions that the narrators are trying to put in motion. In this article, we follow Freistein and Gadinger (2020) in their approach to visual narrative analysis. Taking the visual narrative as a productive combination of textual and visual dimensions, the analysis seeks to reveal how the meanings and emotions invoked by textual and visual elements of the message interact with each other. Thus, the approach not only focuses on the internal components of the text and the image but also takes a next step to stress the relation between them, revealing how they reinforce each other and how, eventually, they generate productive tensions that help in the transmission of the message.

RT’s visual narrative on gender and sexuality: using humor in affective messaging

To examine the Russian narrative on gender and sexual diversity, we analyzed RT’s Instagram profile – specifically its posts on the topic from the months before the war in Ukraine in February 2022 until the suspension of the account by Meta in September 2024, which forcibly interrupted the collection of posts. Launched in 2005, RT is a Russian media outlet operating across television, social media, and digital platforms, whose goals are to cover “stories overlooked by the mainstream media” and provide “its global audience with a Russian viewpoint on international events” (RT, 2026). The network operates websites in several countries (such as RT Spanish, Arabic, and French), television channels, a news app, and accounts on Telegram, YouTube, and Instagram—the latter two being taken down after the outbreak of the war.

With content production in ten languages, RT’s reach is substantial. In 2025, RT was accessible to 950 million television viewers across over 100 countries, while its online content drew more than 40 billion views – nearly double the amount recorded the previous year (RT, 2026). On YouTube, in March 2022, RT’s channel had more than 30 million subscribers, while its Instagram account had more than one million followers as of September 2024. Given this audience and the close ties between RT and the Russian government, the network can be considered one of the key disseminators of the Russian narrative about global events (Audinet, 2021; Chernobrov, 2022; Crilley & Chatterje-Doody, 2020).³ In this article, the decision to focus the analysis on RT’s Instagram profile, whose content was posted exclusively in English, was motivated by two considerations. First, Instagram is a social media

3 On RT’s Instagram profile, Meta included a warning that the channel was “controlled by the Russian state”. The government’s influence on RT is widely explored by Audinet (2021). Officially, the outlet denies this influence, claiming to be “an autonomous, non-profit organization that is publicly financed from the budget of the Russian Federation” (RT, 2026).

platform primarily oriented towards image sharing, where posts typically combine visual and textual elements. As such, it constitutes a particularly suitable space for the analysis of visual narratives, as undertaken in this study. Second, by analyzing content in English, we assume that the material being examined had (until the page was taken down) the potential to reach the widest possible audience, potentially addressing publics on a global level.

From all posts published on RT's Instagram page during the period covered by the collection, we built a corpus consisting of posts whose content was somehow related to issues of gender and sexual diversity (both in the "West" and elsewhere). This corpus comprises approximately 290 Instagram posts. From the wealth of posts collected, we identified patterns that are repeatedly exploited in the Russian narrative on gender and sexual diversity. Some of these – such as framing children as the primary victims of non-heterosexual or non-cisgender people – are not unique to Russia, but typical features of the global conservative narrative surrounding the theme. Besides these more global motifs, in the next sections we also focus on posts that explore two patterns that seem to be more characteristic of the Russian discourse on gender and sexuality: the identification between gender/sexual diversity and a specific part of the world – the "West"; and the use of humor as a strategic framing of the narrative.

Although humor in politics is not usually analyzed in relation to affects and emotions – or as a type of emotion itself – in this article we argue that there is a close connection between them. The act of laughing together at the same object is something that connects people, and in doing so has the potential to create identities on a collective level (Burkart et al, 2025). In this sense, humor can be used in a strategic way, for example in the form of satire or ridicule. By employing satire, irony, and ridicule against specific figures and their actions, narratives can generate in their audiences a feeling of pleasure that facilitates alignment with certain political positions. This experience of joy is linked to a perceived position of superiority – a sense that we understand something that is obvious, while those at whom we laugh are unable to grasp what is clearly absurd (Freistein et al, 2022).⁴ Humor, in other words, "(re)creates hierarchical constructions of joke tellers (winners) and the target of humor (losers), those who get it and those who do not, enabling a display of identity and solidarity in a group" (Chernobrov, 2022, p.282). Thus, by laughing at the absurdity of the others, we strengthen our sense of who we are.

In the ecology of new media and digital platforms, such as that of Instagram, the use of humor to convey a serious message has gained an important advantage. Like images, the comic framing of actors and events simplifies the message, making it more appealing, shareable, and newsworthy. Sarcastic messages are thus better suited for the social media environment when compared to long and complex explanations about international realities – they can reach wider audiences and affectively engage them in a more effective way. In this sense, we can talk about

⁴ This feeling of pleasure derived from the ridicule of others is sometimes defined in the literature under the concept of *Schadenfreude*, a German word with no direct equivalent in English, used to describe the pleasure one feels at another's misfortune and embarrassment (Freistein et al, 2022).

an instrumental or strategic nature of the use of humor on social media: as an element of the narrative, it helps consolidate collective identities and promote political support (Chernobrov, 2022). In recent years, Russia has widely used the digital media environment and social networks as tools of soft power, aiming to engage international audiences with its narratives about the world – the “Russian viewpoint”. This strategy, and particularly the instrumentalization of humorous and affective messaging, has been explored by a wealth of scholars (Chernobrov, 2022; Crilley; Chatterje-Doody, 2021; Lunde, 2016). In the next sections, we build upon this literature to explore how RT makes use of satirical and visually impactful messages on Instagram to disseminate a strategic narrative on issues of gender and sexual diversity, exploring traditional conservative motifs around the topic but, at the same time, connecting such motifs to Western places, people, and institutions.

Children under threat

A common theme in RT’s posts about gender and sexual diversity is the (visual and textual) representation of children being badly influenced or directly threatened by gender non-conformity or non-heterosexual people. A first example of this motif can be found in a post published under the title “Harvard Offering Course on Healthcare for “LGBQIA+ Infants”. In the foreground, the image shows a toddler from behind, wearing a white diaper with a colorful flag painted on it. The flag features both the horizontal rainbow colors and a chevron on the left, consisting of white, pink, light blue, yellow, and black stripes. The child is looking toward the background, where the words “Harvard Medical School” are written in large letters next to the school’s crest. Below, one of the facades of Boston Children’s Hospital is visible, with the signage indicating the hospital’s name (partially covered by the child in the foreground). The background of the image is in black and white.



Figure 1: "Harvard Offering Course on Healthcare for 'LGBTQIA+ Infants'"

Source: @RT, Instagram. Content later removed from the platform. Screenshot captured by the author.

The post's text reads:

Gone are the days when all a toddler needed to feel better was a band aid and an ice cream – now you have to respect their pronouns, even if they can't actually say them yet.

This is, at least, what the big-brains at Harvard have decided. According to a course catalog description spotted by eagle-eyed and baffled readers, Harvard's 'Caring for Patients with Diverse Sexual Orientations, Gender Identities, and Sex Development' course (questionable on its own) promises that 'clinical exposure and education will focus on serving gender and sexual minority people across the lifespan, from infants to older adults.'

Did you spot it?

After much prodding, Harvard finally released a statement claiming they were referring to infants with 'physical variations in sex development.' The water is muddied further, however, by Boston Children's Hospital's involvement in the course. The hospital made headlines last year with a now-deleted video claiming that babies can 'know their gender identity from the womb.'

One prominent critic at the Ethics and Public Policy Center said of the course, 'Harvard medical students should be taught the basic scientific truth that a man cannot become a woman or vice versa.'

The combination of textual and visual elements in the post invokes the bad influence of ideas of gender non-conformity on children. Visually, the child is marked by the colors of LGBTQ+ movements, while looking at prominent institutions that are much bigger than them. In front of such institutions, the toddler appears vulnerable. The post's title and text complement the meaning suggested by the image. Initially, the reader is told that reality has changed ("Gone are the days"), and that what used to be obvious no longer is. The respected medical institutions of the US shown in the image represent this transformation: they want to change what should be a "basic scientific truth" and impose gender fluidity onto babies. The use of sarcasm to refer to the scientists and doctors of these places ("the big-brains at Harvard") further reinforces the idea that what is being done is not reasonable, despite the reputation commonly attributed to the people working at these places.

Another example of the "child under threat" motif is present in a post entitled "Preschool Defends Children Being Shown 'Bondage' Books". The post's image shows, in the foreground, a frightened child with an open mouth and covering their eyes. In the background, three elements can be observed. On the left side, the entrance of a school. On the top right, above the frightened child, a man wearing a white shirt and a black-tie necktie, with a black bar covering his eyes. He is standing with his back to a mirror, which reveals that the back of his body is not dressed like the front, but is instead wearing bondage gear. The third element, on the upper left above the school's entrance, is a colorful illustration of a group of children on a beach, holding signs, together with an elderly man. They are standing around a flag in the colors of the rainbow, which reads "Grandad's Pride". In the upper left corner, a tag reading "United Kingdom" indicates where the news story takes place.



Figure 2: “Preschool Defends Children Being Shown ‘Bondage’ Book”

@RT, Instagram. Content later removed from the platform. Screenshot captured by the author.

The post’s text reads:

Four-year-old children in a British pre-school were shown powerfully erotic imagery of an elderly gay man in a dog collar, bondage gear and leather lingerie, holding hands with a cross-dressing man. Other images include a person with obvious ‘top surgery scars’ with the caption ‘trans kids are magic.’

Despite complaints from parents, the Genesis Pre School in Hull not only refused to remove the books, but also refused to apologize or even acknowledge that their old man fetish sex book was not appropriate for toddlers. The school safeguarding team simultaneously defended the book as not being erotic (merely showing ‘dress up’) and that kids can’t understand erotic images, therefore making it ok.

After numerous complaints, and at least one parent withdrawing their child to save them from the nonces, the school’s board reviewed the incidents and deemed the book ‘not age appropriate.’ The book, titled ‘Granddad’s Pride,’ was written by Harry Woodgate, a man who identifies as non-binary.

The motif of the child exposed to a threat is explicitly explored in the image of the frightened kid. The visual montage of different elements is constructed in a way that the man wearing bondage gear appears as a double threat. He is behind

the kid, as if representing a menace to them. At the same time, his reflection stands in front of the group of children, influencing them in a bad way – after all, they shouldn't see a man in such clothing. The elderly man among the group, as well as the words “Grandad's Pride”, reinforce the notion of a bad influence, suggesting that these adults are the ones encouraging in the children behaviors associated with sexualization. In the text, the main element interacting with the meanings suggested by the image is the word “nonce” – a highly offensive British slang term for pedophile. Although the news story itself does not indicate any kind of child sexual abuse, the use of the slang reinforces the idea of a danger posed to children by “elderly gay” men and “non-binary” people. As a result, the combination of visual and textual elements invokes feelings of fear for the vulnerable child, as well as contempt for the ones who abuse them.

Finally, the tag indicating that the news story is from the “United Kingdom” is an important component of the overall message. Indeed, these tags are very common in the images of RT's posts – among the collected posts, similar tags indicate places like London, Oklahoma, Pennsylvania, New Jersey, Philadelphia, and so on. Thus, when the place of the story is not stated in the title, it is usually presented in the image, immediately informing the viewer that the event happened in a Western country or city. In the next section, we focus on this geographical dimension of Russian narrative on gender and sexual diversity.

A degenerate part of the world

When analyzed together, RT's posts do not suggest that the advancement of gender ideologies and sexual diversity is happening equally across the globe. On the contrary, the vast majority of the collected posts depict events occurring in specific locations, which, as previously indicated, are always made explicit by the text and/or the image. In other words, gender and sexual diversity appear to be a specific feature of Western culture. Evidence of this can be seen in a post titled “U.S. Millennials Demand Misgendering Be Made Illegal – Poll”. In the image, set against a black background, two hands are seen grabbing bars behind a barbed-wire fence – all elements rendered in black and white. Above them, two colorful flags are displayed. One features light blue, pink, and white stripes, while the other is painted in red, yellow, black, and dark blue stripes.



Figure 3: “U.S. Millennials Demand Misgendering Be Made Illegal – Poll”

Source: @RT, Instagram. Content later removed from the platform. Screenshot captured by the author.

The post’s text reads:

The US millennial and their mysterious and unknowable collection of flags and pronouns has identified as oppressed for the last time. According to a recent poll by Newsweek, a plurality of millennials want misgendering to be made a criminal offense, with a majority either in favor of or not actively opposed to the idea. 44% respondents in the 25-34 age bracket said they believe misgendering a transgender person should be illegal. Only 31% disagreed. The remaining 25% responded as ‘unsure’ or ‘no opinion’.

That number fell for older millennials and young generation X respondents slightly, with 38% for and 31% against. Gen Z, who claim to be the mostest LGBTest generationest everest, were surprisingly less willing to give the government the power to imprison people for using incorrect pronouns, at 33% for and 48% against. The general population on average was ‘merely’ 19% in favor, which is still mental.

One of the flags presented in the image is well-known: the light blue, pink and white flag associated with transgender movements and identities. The flag on the right, on the other hand, bears no relation to gender identity or sexual orientation. By visually positioning them together, side by side, the image suggests

something quickly reinforced by the text: an association between the defense of gender diversity and an incomprehensible profusion of flags and identities among younger generations in the US. The hands grabbing bars and the barbed-wire fence, in turn, function as a clear reference to imprisonment as punishment for misgendering – an implication not stated in the text. Thus, the elements of the image add a meaning to the post that is not verbally expressed.

The use of mockery in the text begins in its first sentence, where the post plays with the notion of “identifying as” something, thereby ridiculing the notion of self-identification and of gender as a socially constructed category. The text continues its ridicule of US younger generations, demeaning their supposedly progressive positions toward gender diversity through the use of invented superlatives (“the mostest LGBTest generationest everest”). In the end, however, the post abandons its ironical tone and presents RT’s own position on the topic in a very direct way: the fact that 19% of the US population is in favor of making misgendering a criminal offense is considered “mental”. As a whole, image and text work to characterize American society as laughably absurd, instilling in the viewers feelings of joy and superiority in relation to this society, as well as an immediate rejection of the positions portrayed as typical of it.

The linking of notions of gender and sexual diversity with Western cultures is also evident in a post titled “Ivy League School Now 40% LGBT – Survey”. The post’s image depicts the facade of Brown University. In the background, the sky has been replaced by rainbow colors. Centered above the building, a black arrow points upward, signaling growth or an upward trend.



Figure 4: “Ivy League School Now 40% LGBT - Survey”

Source: @RT, Instagram. Content later removed from the platform. Screenshot captured by the author.

The text states:

Brown is gay. A recent survey at Brown University has seen the number of LGBTQIA+++ students triple since 2010, with 36% of all students now reporting a sexuality other than heterosexual, whatever that is. Students at the US' most prestigious Ivy League university that isn't Harvard, Princeton or Stanford are decreasingly heterosexual (down 25%), increasingly homosexual (up 26%), very much bisexual (up 300%), but the biggest change is for 'other', up a whopping 793%. The figures actually look more bonkers when compared with 2019, when 80% of students identified as heterosexual.

Many theories have been proposed as to why Brown is suddenly gay (or better, why Brown is suddenly 'other'), from more open attitudes to social contagion to very expensive fashion statements to 'shut up and bake my cake, bigot'. What do you think is the reason?

In the post, text and image operate in synchrony. The rainbow colors in place of the sky, behind the facade of a well-known American university, immediately reinforce the first information conveyed by the text: Brown University is gay. The wordplay between the name of the university and the name of a color further

reinforces the humorous tone of the text – the color brown, which is not part of the rainbow, would also be gay (that is, part of the identity symbolized by the rainbow colors). Additionally, the upward arrow reinforces the notion of growth present in the text, which reports that the number of non-heterosexual students has tripled since 2010. Irony is present throughout the text. The three plus signs following the LGBTQIA acronym indicate, as in the previous post, an incomprehensible profusion of identities, which is further reinforced by the joke that the university is “suddenly ‘other’”, meaning that its students are increasingly identifying themselves outside traditional categories of sexual orientation.

In another post, published under the title “Diversity Key to ‘Warfighting Effectiveness’ – U.S. Air Force”, the focus is on the US Military – another American institution often targeted by RT’s narrative on gender and sexual diversity. The background of the image consists of the United States flag, but its characteristic red and white stripes are presented in light blue, pink, and white (the bottom part of the blue rectangle with white stars is also painted in pink). Superimposed in the foreground, the image of a soldier in uniform and carrying a weapon is reproduced three times, side by side. This triple repetition is presented in the colors of the rainbow.



Figure 5: “Diversity Key to ‘Warfighting Effectiveness’ – U.S. Air Force”

Source: @RT, Instagram. Content later removed from the platform. Screenshot captured by the author.

The post's text reads:

Not content to sit back and let the other branches of the US military embarrass themselves alone, the Air Force is now getting in on the act. The force is unsurprisingly going after easy targets in the form of children, by attempting to foist a 'diversity and inclusion' training program on its cadets.

A leaked presentation, titled 'Diversity & Inclusion: What it is, why we care, & what we can do', centers on such essential military know-how like dropping 'gendered language' and being careful not to say the word 'terrorist' (you know, in case it upsets the terrorists they're fighting.) The young recruits are ordered to embrace 'diversity' as an 'institutional priority'.

This does make sense to be fair – the minute your enemy sees how careful you're being not to misgender xer next to you, they will immediately realize the error of their ways and surrender.

The representation of soldiers in combat painted with the colors of the rainbow gives meaning to the overall idea conveyed by the text – that one of the leading American institutions is increasingly concerned with issues related to sexual diversity. In the background, the fusion of elements from the U.S. flag – one of the country's primary national symbols – and the transgender flag reinforces this notion and deepens it: the United States itself is portrayed as being transformed by issues related to gender diversity. Once again, irony and ridicule permeate the text, portraying the US Military as naïve do-gooders who are more concerned with unimportant issues than with their real goals – such as fighting terrorists. As in the previous posts, the message conveyed evokes in the audience a feeling of joy, a pleasure that comes from seeing gullible others embarrassing themselves. As suggested, this affective mobilization promoted by the posts helps RT generate consent in its audiences, facilitating their identification with Russia's own positions toward issues of gender and sexuality.

Conclusion

Taken together, the posts analyzed in this article allow for some conclusions about the visual narrative on gender and sexual diversity that Russia has been disseminating on social media in recent years. First, RT's extensive use of visual montages of different elements creates impactful images that help in the transmission of the message and mobilization of certain affects. Children are depicted as vulnerable to the negative influence of individuals and institutions associated with the agenda of gender and sexual diversity. Flags are blended together or put side by side, and the colors of the rainbow are consistently used to indicate that something is being transformed by this agenda. Second, the visual dimension is combined with highly satirical texts, where the use of humor is strategic to invoke pleasure and joy in the receptors of the message. This pleasure is related to a sense of superiority derived from the mockery and from the understanding of an absurdity that the target (the other) is unable to recognize. Third, the combination of image and text results in a message with strong affective appeal, instilling into RT's audiences feelings of fear for the endangered children and

contempt for the individuals who supposedly threaten them. Finally, RT's overall narrative on gender and sexual diversity consistently points to a geographic and cultural association, suggesting, as Putin does in his speech, that these are Western problems. In this sense, the narrative is highly strategic, repeatedly characterizing Western places, institutions, and individuals as culturally degenerate, and thus allowing Russia to position itself as an alternative that is not only economic and military, but also cultural and moral.

BIBLIOGRAPHY

AHMED, Sara. *The Cultural Politics of Emotion*. 2nd ed. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2014.

AUDINET, Maxime. *Russia Today (RT): un média d'influence au service de l'État russe*. Bry-sur-Marne: INA Éditions, 2021.

BLEIKER, Roland. *Aesthetics and World Politics*. London: Palgrave Macmillan, 2009.

BLEIKER, Roland. *The Aesthetic Turn in International Political Theory*. Millennium. London, v.30, n.3, pp.509-533, 2001. Available at: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/03058298010300031001>. Accessed on: 12 Mar. 2024.

BURKART, Mara; FRATICELLI, Damián; PALACIOS, Cristian. Introducción. In: BURKART, Mara; FRATICELLI, Damián; PALACIOS, Cristian (Eds.). *Dime de qué ríes y te diré quién eres: El humor en la conformación de colectivos*. Buenos Aires: Editorial Teseo, 2025, cap. Introduction, p. 11-15.

BUTLER, Judith. *Who's afraid of gender?* New York: Farrar, Straus and Giroux, 2024.

CALLAHAN, William. *Sensible Politics: Visualizing International Relations*. Oxford: Oxford University Press, 2020.

CHERNOBROV, Dmitry. Strategic humour: Public diplomacy and comic framing of foreign policy issues. *The British Journal of Politics and International Relations*. London, v. 24, n. 2, p. 277-296, 2022. Available at: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/13691481211023958>. Accessed on: 06 Sep. 2024.

CLÉMENT, Maéva; SANGAR, Eric; (Eds.). *Researching Emotions in International Relations: Methodological Perspectives on the Emotional Turn*. London: Palgrave Macmillan, 2018.

CRAWFORD, Neta C. The Passion of World Politics: Propositions on Emotion and Emotional Relationships. *International Security*. Cambridge, v. 24, n. 4, p. 116-156, 2000. Available at: <https://www.jstor.org/stable/2539317>. Accessed on: 28 Apr. 2023.

CRILLEY, Rhys; CHATTERJE-DOODY, Precious N. Emotions and war on YouTube: affective investments in RT's visual narratives of the conflict in Syria. *Cambridge Review of International Affairs*. Abingdon, v. 33, n. 5, p. 713-733, 2020. Available at: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/09557571.2020.1719038>. Accessed on: 01 Jul. 2024.

CRILLEY, Rhys; CHATTERJE-DOODY, Precious N. From Russia with Lols: Humour, RT, and the Legitimation of Russian Foreign Policy. *Global Society*. London, v. 35, no. 2, pp. 269–288, 2021. Available at: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/13600826.2020.1839387>. Accessed on: 15 Nov. 2025.

CRILLEY, Rhys; MANOR, Ilan; BJOLA, Corneliu. Visual narratives of global politics in the digital age: an introduction. *Cambridge Review of International Affairs*. Abingdon, v. 33, n. 5, p. 628–637, 2020. Available at: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/09557571.2020.1813465>. Accessed on: 01 Feb. 2024.

FREISTEIN, Katja; GADINGER, Frank. Populist stories of honest men and proud mothers: A visual narrative analysis. *Review of International Studies*. Cambridge, v. 46, n. 2, p. 217–236, 2020. Available at: <https://www.cambridge.org/core/journals/review-of-international-studies/article/populist-stories-of-honest-men-and-proud-mothers-a-visual-narrative-analysis/59F1AED7CEE355F73EC2ECFF8F6505BC>. Accessed on: 02 Nov. 2024.

FREISTEIN, Katja; GADINGER, Frank; UNRAU, Christine. It Just Feels Right: Visuality and Emotion Norms in Right-Wing Populist Storytelling. *International Political Sociology*. Oxford, v. 16, n. 1, p. 1–23, 2022. Available at: <https://academic.oup.com/ips/article/16/4/olac017/6762012>. Accessed on: 03 Ago. 2024.

LUNDE, Ingunn. Hashtag Poetics: Political Humour on Russian Twitter. *Zeitschrift für Slawistik*. Berlin, v. 61, no. 1, pp. 102–118, 2016. Available at: https://www.degruyterbrill.com/journal/key/slav/61/1/html?srsIid=AfmBOopqaeMj5jdDV9xvEMLM9TzgGGMSVEXJTusI_JyBdJzZAeHnTohP. Accessed on: 16 Ago. 2025.

ROSS, Andrew. *Mixed Emotions: Beyond Fear and Hatred in International Conflict*. Chicago: University of Chicago Press, 2014.

PARRY, Katy. Visual digital politics: imag(in)ing political activities and identities online. In: COLEMAN, Stephen; SORENSEN, Lone; (Eds.). *Handbook of Digital Politics*. 2nd ed. Cheltenham: Edward Elgar Publishing Limited, 2023, cap. 3, p. 30–44.

PUTIN, Vladimir. Presidential Address to Federal Assembly. Moscow, 21 Feb. 2023. Available at: <http://en.kremlin.ru/events/president/news/70565>. Accessed on: 13 Jan. 2026.

RT. About RT. [S.l.], 2026. Available at: <https://www.rt.com/about-us/>. Accessed on: 17 Jan. 2026.

SCHLAG, Gabi. Moving Images and the Politics of Pity: A Multilevel Approach to the Interpretation of Images and Emotions. In: CLÉMENT, Maéva; SANGAR, Eric; (Eds.). *Researching Emotions in International Relations: Methodological Perspectives on the Emotional Turn*. London: Palgrave Macmillan, 2018, Cap.9, p.209–230.

Como citar:

RONDELLI, Iago. Western degeneration: an analysis of the Russian visual narrative on gender and sexual diversity. *Eurásia em Foco*, São Paulo, v. 1, n. 4, p. 46-63, Out./Dez. 2025. Centro de Investigação em Rússia, Eurásia e Espaço Pós-Soviético (CIRE).





SOBRE O CIRE

O Centro de Investigação em Rússia, Eurásia e Espaço Pós-Soviético (CIRE), fundado em setembro de 2023, está vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais San Tiago Dantas (UNESP, UNICAMP, PUC-SP) como subgrupo do Grupo de Estudos de Defesa e Segurança Internacional (GEDES). O CIRE é um grupo de estudos autônomo, de caráter científico, dedicado aos estudos sobre Rússia, Eurásia e Espaço Pós-Soviético. Sua missão é fomentar pesquisas e debates sobre dinâmicas políticas, econômicas, sociais e culturais da região a partir de perspectivas brasileiras e promover o diálogo e parcerias entre pesquisadores nacionais e internacionais em temas como relações internacionais, segurança, história e sociedade.

Linhas de Pesquisa

Política Internacional e Política Externa: Estudo do processo de construção dos Estados Nacionais eurásianos e da formulação e implementação de suas políticas exteriores. Descrição analítica das relações intra-região, seus objetivos comuns e divergências internas, êxitos e fracassos, na edificação de um sistema regional. Análise da inserção internacional da Rússia e dos Estados pós-soviéticos, suas relações com as potências ocidentais e com os novos atores da arena Sul-Sul.

Desenvolvimento, Segurança e Integração Regional: Análise das transformações geopolíticas e econômicas no Pós-Guerra Fria, emergência da Rússia e dos países eurásianos no cenário internacional, processos de integração, com sua lógica política e possibilidades de formação de um regionalismo pós-soviético. Estudo da região enquanto novo campo de disputa estratégica global em função da crise energética e de recursos naturais e alimentares, bem como a nova e crescente relevância de dinâmicas securitárias e dos conflitos locais.

História, Cultura e Sociedade: Investigação multidisciplinar sobre as diversas áreas de influências que moldaram o desenvolvimento socioeconômico, político e cultural da Rússia e do espaço eurásiano ao longo do tempo. Análise da formação da União Soviética até as dinâmicas regionais contemporâneas, aprofundando o entendimento das narrativas históricas, transformações culturais, buscando analisar as interações sociais

que delinearão as identidades dessa vasta e diversificada região.

Membros

Ana Livia Ayres Cardoso (Universidade de São Paulo, Brasil)

Áreas de atuação: Política externa soviética; Identidade e cultura; Diplomacia cultural soviética; Construtivismo e políticas dos afetos.

Ana Livia Esteves (Escola Superior de Economia, Rússia)

Áreas de atuação: Relações Brasil-Rússia, Política externa russa e Política nuclear.

Danielle Makio (PPGRI San Tiago Dantas, Brasil)

Áreas de atuação: Política externa russa; Relações sino-russas; Ásia Central; Separatismos no espaço pós-soviético.

Getúlio Alves de Almeida Neto (PPGRI San Tiago Dantas, Brasil)

Áreas de atuação: Política externa russa; Política de defesa e segurança da Rússia; Doutrina militar e forças armadas russas; Ártico.

Guilherme Geremias da Conceição (PPGRI San Tiago Dantas, Brasil)

Áreas de atuação: Construção do Estado na URSS; Política externa das repúblicas da Ásia Central; Integração regional no espaço pós-soviético.

Jonathan Christian Dias dos Santos (Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Brasil)

Áreas de atuação: Códigos geopolíticos, Política externa na Ásia Central, Relação China-Ásia Central.

Maria Eduarda Carvalho de Araujo (PPGRI San Tiago Dantas, Brasil)

Áreas de atuação: Política externa russa; Memória histórica; Segurança ontológica e identidade no espaço pós-soviético.

Matheus Pereira Jorge (Universidade Estatal de São Petersburgo, Rússia)

Áreas de atuação: Diplomacia Nuclear Russa, Engenharia Nuclear, Defesa Química, Biológica, Radiológica e Nuclear (DQBRN).

Nathana Garcez Portugal (PPGRI San Tiago Dantas, Brasil)

Áreas de atuação: Economia Política Internacional, Energia, Geopolítica, Geoeconomia, Transição Energética, BRICS, e Mar Cáspio

Rodrigo Ianhez (Historiador e pesquisador independente, Rússia)

Áreas de atuação: História soviética com foco no período de Stálin, Relações

sino-soviéticas e História da revolução iugoslava.

Pérsio Glória de Paula (Universidade Estatal de São Petersburgo, Rússia)

Áreas de atuação: Política externa russa; Geopolítica e geoestratégia da Rússia; Identidade nacional; BRICS.

Tito Lívio Barcellos (PPGRI San Tiago Dantas, Brasil)

Áreas de atuação: Geopolítica da Rússia; Doutrina militar e forças armadas russas; Geoestratégia do espaço pós-soviético.

Parceiros

PPGRI San Tiago Dantas (UNESP, UNICAMP, PUC-SP)

O Programa Interinstitucional de Pós-Graduação em Relações Internacionais San Tiago Dantas foi fundado em 2003 por intermédio de uma parceria entre a Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP), a Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). A associação, construída pela interação das três universidades, mantém importantes bibliotecas, centros de documentação, estruturas informatizadas e tem representado, desde a sua criação, a utilização de tais recursos com excelência, evidenciando uma nova capacidade de ensino e pesquisa.

Grupo de Estudos de Defesa e Segurança Internacional (GEDES)

O Grupo de Estudos de Defesa e Segurança Internacional (GEDES) foi fundado em 2001, na Faculdade de História, Direito e Serviço Social, da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP), no campus de Franca, por iniciativa de um grupo de professores e alunos interessados no tema da Paz, da Defesa e da Segurança Internacional. Constitui-se como Grupo Acadêmico dentro da estrutura da Universidade, e foi o primeiro do campus de Franca a ser reconhecido pelo Conselho Nacional de Pesquisa e Desenvolvimento (CNPq) como grupo de pesquisa.



Contato e redes sociais do CIRE

Praça da Sé, Nº108
3º Andar
São Paulo, São Paulo
Brasil - CEP 01001-900
Fone: +55 (11) 3116-1770
E-mail: cire.ppgstd@gmail.com

Instagram: [@cire_gedes](https://www.instagram.com/@cire_gedes)
X: [@cire_gedes](https://www.x.com/@cire_gedes)
Site: gedes-unesp.org/cire/





Centro de
Investigação em
Rússia, Eurásia e
Espaço Pós-Soviético
UNESP-UNICAMP-PUCSP